

REVISTA
D A
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
D O
RIO DE JANEIRO

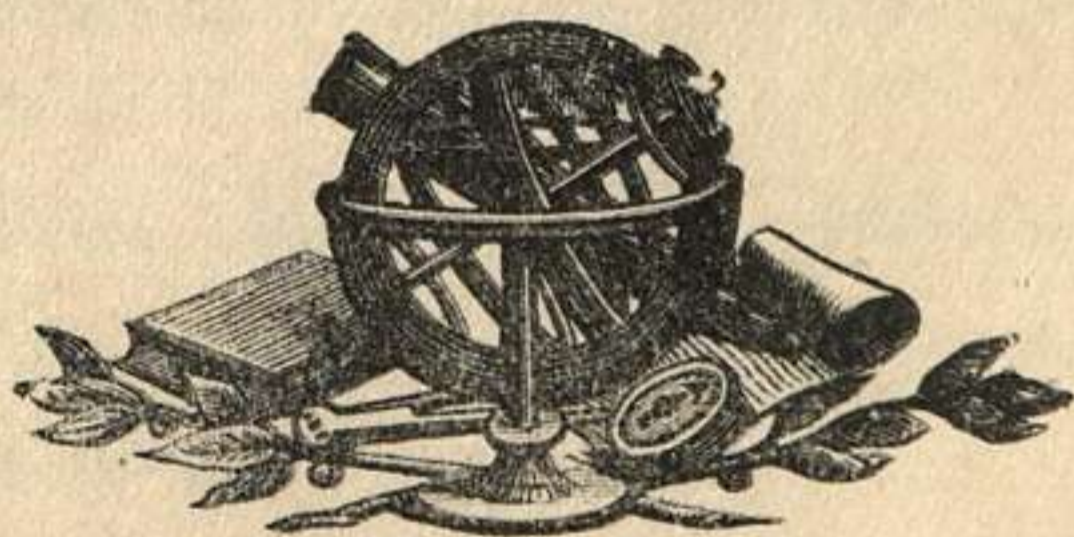
.....
TOMO XXIX
ANNO DE 1924



RIO DE JANEIRO (BRASIL)
PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101, 2°

REVISTA
D A
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
D O
RIO DE JANEIRO

TOMO XXIX
ANNO DE 1924



RIO DE JANEIRO (BRASIL)
PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101, 2°

REVISTA

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

DO

RIO DE JANEIRO

TOMO XXIX

ANNO DE 1924



RIO DE JANEIRO (BRASIL)

PRAÇA 18 DE NOVEMBRO, 101, 2º

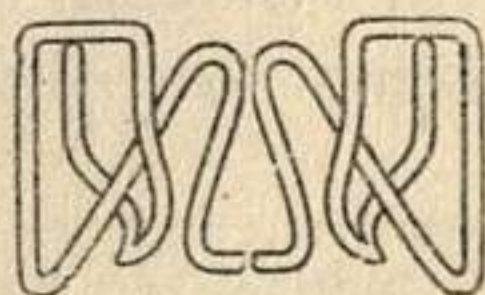
REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

TOMO XXIX

ANNO 1924

Summario

	Pgs.
<i>Geographia do Brasil</i> , pelo Secretario Geral Professor Lindolpho Xavier.....	5
<i>Chorographia de Minas Geraes</i> , (Critica ao trabalho do dr. Nelson de Senna, para a <i>Geographia do Brasil</i>) pelo dr. Alvaro A. da Silveira.....	9
<i>Chorographia de Minas Geraes</i> , (Resposta ao dr. Alvaro A. da Silveira) pelo dr. Nelson de Senna.....	25
Relatorio apresentado em sessão de 6 de Março de 1924 pelo Presidente da <i>Sociedade</i> , Almirante A. C. Gomes Pereira	53
2ª. Exposição Feira Internacional de Amostras.....	58
Administração da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em 1924	63
Cadastro Social em 1924	65
Bibliographia.....	85

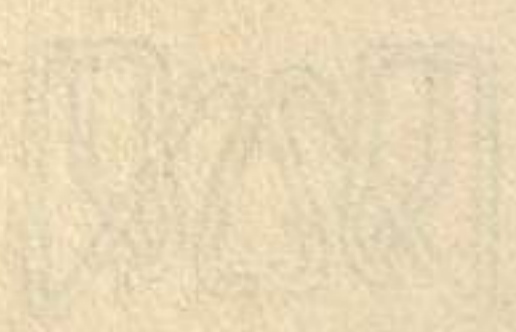


REVISTA DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
DO RIO DE JANEIRO

ANO XXXI

Volume XXXI

1. ...
2. ...
3. ...
4. ...
5. ...
6. ...
7. ...
8. ...
9. ...
10. ...
11. ...
12. ...
13. ...
14. ...
15. ...
16. ...
17. ...
18. ...
19. ...
20. ...
21. ...
22. ...
23. ...
24. ...
25. ...
26. ...
27. ...
28. ...
29. ...
30. ...
31. ...
32. ...
33. ...
34. ...
35. ...
36. ...
37. ...
38. ...
39. ...
40. ...
41. ...
42. ...
43. ...
44. ...
45. ...
46. ...
47. ...
48. ...
49. ...
50. ...



Geographia do Brasil

A Grande Obra da Sociedade de Geographia

O 2º volume da Geographia do Brasil, commemorativa do centenario da Independencia, está impresso e consta de minucioso estudo da hydrographia nacional, feito por varios especialistas, a quem foram confiados os capitulos. Os Professores Delgado de Carvalho e Fernando Raja Gabaglia escreveram a parte da *Costa, Atlantico Sul e Ilhas do littoral brasileiro*.

O Professor Honorio Sylvestre escreveu longos capitulos sobre as Bacias do *Amazonas, do Prata, do Atlantico e do Interior e Lagos e Lagôas*.

O Dr. Alvaro Rodovalho contribúe com a synopse das *Quédas d'Agua do Brasil* e termina o volume com os *Rios Navegaveis do Brasil*, obra organizada pela Inspectoria de Portos, Rios e Canaes.

Com este volume, a Sociedade de Geographia prosegue na serie iniciada em 1922 que ficou retardada por motivos independentes da vontade da Directoria, mas que ha de ser toda publicada dentro em breve.

Já foram editados tres volumes: o 1º, o 10º e o 2º, sendo que este sáe depois daquelle, por conveniencia de paginação e composiçáo.

O 1º volume tratou da *Geognose do Solo, do Aspecto Physico, da Vulcanographia, da Espeleologia e da Orographia brasileira*.

O 1º volume tratou minuciosamente do Estado de Minas, constituindo elle só uma vasta chorographia do grande Estado Central.

O 2º volume, que agora apparece, é o resumo da nossa hydrographia geral.

Em seguida a Sociedade de Geographia vae imprimir o 3º volume, que será collaborado por scientistas brasileiros e constituirá notavel contribuição geographica.

Assim é que o Professor Alberto José de Sampaio, naturalista do Museu Nacional, concorreu para esse volume com o importante capitulo da *Flora Brasileira*, que é illustrado por innumerous *clichés* e foi largamente observado e documentado.

O Dr. Jorge de Araujo Ferraz escreveu importante capitulo sobre as *Riquezas Mineraes do Brasil*.

O Dr. Padua Rezende escreveu sobre as *Aguas Mine-raes* e o Dr. Mello Leitão sobre a *Fauna Brasileira*.

O *Clima do Brasil* foi largamente estudado pelo Dr. H. Morize, havendo tambem um capitulo do Dr. Alvaro da Silveira sobre o *Clima de Minas Geraes*.

Esse 3º volume está sendo composto nas officinas Pimenta de Mello, que já editaram os anteriores, com verdadeiro capricho e gosto.

A grande obra da Sociedade de Geographia não ficará em meio.

Ella ha de ser concluida, apesar de todos os esforços.

Para se avaliar da importancia da materia recebida, basta enumerar os seguintes trabalhos, que a Sociedade de Geographia já entregou ás officinas Pimenta de Mello & Cia., e que vão ser compostos em breve, para complemento da serie:

Chorographia do Amazonas, pelo Senador Lopes Gonçalves; *Chorographia do Territorio do Amapá e Aricary*, pelo General Alcindo Braga Cavalcante; *Chorographia do Ceará*, pelo Barão de Studart, com um interessante capitulo do Dr. Gustavo Barroso sobre *As Populações do Nordeste*; *Chorographia do Rio Grande do Norte*, pelo Dr. A. Tavares de Lyra; *Chorographia da Parahyba*, pelo Dr. Coriolano de Me-

deiros; *Chorographia de Pernambuco*, pelo Dr. Mario Mello; *Chorographia de Alagoas*, pelo Dr. Pontes de Miranda; *Chorographia de Sergipe*, pelo Dr. Oliveira Passos; *Chorographia da Bahia*, pelo Dr. Theodoro Sampaio; *Chorographia do Espirito Santo*, pelo Senador Jeronymo Monteiro; *Chorographia do Estado do Rio de Janeiro*, pelos Drs. Clodomiro Vasconcellos e José Mattoso Maia Forte; *Chorographia do Districto Federal*, pelos Drs. Aureliano Portugal e Mario Freire; *Chorographia do Paraná*, pelos Drs. Ermelindo Leão e Sebastião Paraná; *Chorographia do Rio Grande do Sul*, pelo Professor P^e. Geraldo Powles; *Chorographia de Goyaz*, pelo Major Henrique Silva.

Além destas obras, a Sociedade de Geographia espera dentro em breve a *Chorographia do Piauhy*, organizada pelos Srs. Felix Pacheco e Coronel Josino Ferreira; *Chorographia de São Paulo*, organizada pelo Dr. Carlos de Campos; *Chorographia de Santa Catharina*, pelo Dr. José Arthur Boiteux; *Chorographia de Matto Grosso*, organizada pela Comissão Rondon; *Chorographia do Acre*, pelo Dr. Alberto Moreira; *Chorographia do Pará*, pelo C^{el}. Felix Amelio; *Chorographia do Maranhão*, pelos Professor Raymundo Lopes e Dr. Justo Jansen Ferreira; *Resumo Nosographico*, pelo Dr. Theophilo de Almeida.

Além destes trabalhos, que constituem a descripção regionalistica do nosso paiz, a Sociedade de Geographia tem em seu poder outros capitulos importantissimos, para os volumes de generalidades brasileiras, que aguardam recursos financeiros para sua impressão, taes como: *A população brasileira e a sua distribuição no territorio nacional*, pelo Dr. Bulhões Carvalho; *Moedas, pesos e medidas*, pelo Dr. Aarão Reis; *Historia da Viação Ferrea Brasileira*, pelo Dr. Emilio Schnoor; *Limites e Fronteiras Interestadaes*, pelo Commandante Thiers Fleming; *Inscrições Lapidares no Brasil*, pelo Dr. José Thomaz de Aquino e Castro; *Toponymia Brasileira*, pelo Dr. Nelson de Senna; *Industria, Commercio e Finanças*, pelo Pro-

fessor Lindolpho Xavier; finalmente, um importante capitulo sobre a *Cosmologia*, pelo Professor Mario Souza, como preambulo geral da obra, a ser publicada em volume separado.

Para impressão desta vasta obra, a Sociedade de Geographia não dispõe de recursos. A dotação do Governo Epitacio Pessoa deu para 4 volumes, que estão impressos e cujos dois ultimos (o 2º e o 3º) vão ser breve distribuidos.

Para obra de tanto valor e de tal repercussão nacional, é preciso que os governos Federal e dos Estados auxiliem com recursos novos, afim de que o esforço desinteressado da Sociedade de Geographia não pereça em meio, inacabado.



Chorographia de Minas Geraes

CONSIDERAÇÕES DO ENGENHEIRO ALVARO DA SILVEIRA, SOBRE O VOL. X DA "GEOGRAPHIA DO BRASIL", OBRA PUBLICADA PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO, EM COMMEMORAÇÃO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

Illmo. Sr. Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro:

Na dupla qualidade de cidadão que se tem interessado pelos estudos geographicos brasileiros, e de chefe da Comissão Geographica e Geologica de Minas, vejo-me, bem a contra gosto, na dolorosa obrigação de vir fazer-vos algumas considerações sobre o vol. X da "Geographia do Brasil", obra editada por essa Sociedade.

E' auctor do volume X o bacharel Nelson de Senna.

Todos sabemos que a nossa geographia está ainda muito atrazada, pois escasseiam entre nós os verdadeiros geographos.

Já se considera uma grande cousa, no nosso meio, o apparecimento de um trabalho de compilação, como o que forma o volume X acima citado. Si não nos trouxesse novidades geographicas, prestaria, ao menos, o inestimavel serviço de reunir em um mesmo volume tudo o que tivéssemos de bom a respeito da geographia de Minas.

Encontram-se, entretanto, no livro alludido, ao lado de dados exactos e uteis, tantos senões na parte referente á geographia physica de Minas, que é para lamentar não poder ser elle considerado um seguro informante dos nossos factos geographicos.

Começa o Dr. Nelson de Senna informando mal a respeito dos limites de Minas.

Diz, com effeito, na pag. 9:

“Todo o espigão da Mantiqueira — desde a nascente do rio Preto ao Morro do Lopo; e deste pela linha de fronteiras tradicionaes ao ribeirão das Canôas, proseguindo da barra deste no Rio Grande e por este abaixo até o ponto de sua confluencia com o Parahyba, quando então formam ambos o caudaloso Paraná — eis a linha limitrophe dos territorios mineiro e paulista, etc”.

Infelizmente, isto está muito errado.

Em primeiro lugar, a divisa até o morro do Lopo não se faz seguidamente pelo espigão da Mantiqueira; basta, para saber isto, que se olhe, em um mappa de Minas ou de S. Paulo, a posição da conhecidissima zona de S. Bento do Sapucahy. O espigão da Mantiqueira fica ahi muito longe da divisa de Minas com S. Paulo.

Em segundo lugar, o Estado de S. Paulo não se limita, absolutamente, com o de Minas nas nascentes do Rio Preto. Estas nascentes distam 17 kilometros do ponto extremo da linha divisoria entre S. Paulo e Minas, na Mantiqueira.

Diz ainda na pag. 21:

“A esse mesmo pico do Itatiaia (na Mantiqueira e que interessa, pelo massiço em que se acha, aos territorios alli limitrophes dos tres Estados de Minas, Rio de Janeiro e S. Paulo) dá o professor, etc.”

Por ahi se vê, que o pico do Itatiaia (pico das Agulhas Negras deveria dizer o auctor, porque o nome desse pico não é *Itatiaia*, porém, sim, *Agulhas Negras*) é, segundo affirma o auctor do vol. X, um ponto da divisa entre Minas, Rio de Janeiro e S. Paulo. Mas não é verdade.

O ponto a que se refere o Dr. Nelson, não é o pico das Agulhas Negras; a convergencia das linhas divisorias dos tres Estados alludidos está a 17 kilometros a oeste desse pico, segundo informações que nos foram prestadas por moradores da região. E' bem sabido que esse ponto de convergencia fica nas cabeceiras do ribeirão do Salto.

Não era de esperar que em um livro recente, viesse um erro tão grosseiro sobre os limites de Minas, estando muito divulgados, por mim mesmo, em minhas “Memorias Chorographicas”, esses limites nas visinhanças das Agulhas Negras.

Quem se propõe a fazer uma compilação de dados geographicos para expol-os ao publico, tem a obrigação de procurar o que houver de mais certo a tal respeito; repetir velharias que o atrazo de outros tempos justificava, é, de certo, um mau programma para um livro que não tenha em vista ensinar erros.

Na pag. 8, encontra-se:

“Na direcção de sul para norte está a chamada serra da Mantiqueira, prolongada, etc.”

Por ahi, a serra tem a direcção norte-sul. Vem, porém, este trecho na pagina 15:

“Esta cordilheira bifurca-se na serra do Mar, em S. Paulo, e estende-se em direcção nordeste, até as alturas de Barbacena, etc.”

Aqui, a serra tem a direcção nordeste. São incoherencias lastimaveis.

O dr. Nelson de Senna indica para a orographia brasileira, citando Derby, apenas dous systemas denominados — um, “Massiço Central” ou “Cadeia Goyana”; outro, “Cadeia Oriental”, “Cadeia Maritima” ou “Serra do Mar”. Estes dous systemas “cobrem a superficie do Brasil”, diz elle (pag. 15).

Parece que não ha mais qualquer systema a indicar, pois ja se disse que aquelles dous cobrem toda a superficie do Brasil. Tal, porem, não acontece; o dr. Nelson ainda cita, logo em seguida, um terceiro systema^a, que é baptisado com o nome de “Occidental” (pag. 18), e que é formado pelas serras das Vertentes, Canastra e Matta da Corda.

Ora, este é, positivamente, um mau *systema* de dar noções sobre systemas de montanhas.

Para o dr. Nelson, como para outros geographos, tanto faz dizer “Systema de montanhas”, como “cadeia de montanhas”; ambos os modos de exprimir significam a mesma cousa (pag. 15).

Entretanto, lê-se isto na pag. 15:

“Distincta da serra do Mar, mas em parallelismo com ella e fazendo tambem parte do systema Oriental, se acha a nossa serra da Mantiqueira. Esta ultima cadeia (diz o professor) etc.”

A serra da Mantiqueira é, assim, um quarto systema de montanhas. Temos, pois já o dobro dos systemas de montanhas indicados, a principio, pelo auctor, para todo o territorio brasileiro. Fica-se, entretanto, sem saber conciliar estas duas cousas — a cadeia ou systema da Mantiqueira faz parte do systema ou cadeia Maritima e forma, ao mesmo tempo, uma cadeia ou systema distincto.

Vem augmentar a atrapalhação do leitor, que deseja aprender alguma cousa, este trecho da pag. 15:

“... o seu territorio é atravessado pela principal cordilheira do systema orographico brasileiro, denominada pelo barão von Eschewege de serra do Espinhaço a qual, etc.”

Por este trecho, é clarissimo que ha um só systema orographico em todo o Brasil.

A respeito da Mantiqueira, acha o dr. Nelson de Senna que é a quintessencia da perfeição geographica, tudo o que disse della o geographo Elisée Reclus, que elle classifica como uma especie de semi-deus da geographia. Cita a descripção do sabio, onde se encontra isto (pag. 11):

“A sudoeste de Barbacena, desenvolve-se parallelamente ao littoral do Rio de Janeiro, uma aresta de encostas exteriores muito escarpadas: é a serra da Mantiqueira. A nordeste, continúa um prolongamento desta mesma aresta com varios nomes, e curvando-se de modo a acompanhar as mudanças de orientação do contorno continental. Finalmente, ao norte, perfila-se a cadeia principal, chamada por Eschwege serra do Espinhaço, etc.”

Apesar de ter sahido da “penna eximia do incomparavel sabio”, vou mostrar que essa informação está errada.

Segundo ella, com effeito, a serra da Mantiqueira não chega sequer a léste de Barbacena, pois que ella começa a desenvolver-se a partir de sudoeste dessa cidade. Ora, a serra da Mantiqueira vem dos quadrantes do sul até ficar a leste de Barbacena, e dahi segue para o norte até as visinhanças de Queluz.

Pessima, portanto, e muito errada, a informação acima citada, na parte referente á Mantiqueira.

Na descripção de Reclus, dada na pag. 11, lê-se que uma das mais altas montanhas de Minas é a chamada “Itabira do Campo”. Esta affirmacão não me parece muito propria de um genio, pois existem em Minas mais de sessenta picos mais altos que o de Itabira do Campo. Dizer-se que uma montanha, superada em altitude por mais de sessenta outras, é uma das mais altas, não me parece correcto.

Na pag. 12, affirma-se que “o cabeço principal da serra do Espinhaço é o pico do Caraça, com 1955 metros de altitude”.

Não é verdade. O ponto mais alto da serra do Espinhaço, até hoje conhecido, é o pico do Itambé, com 2.044 metros de altitude. Essa altitude foi por mim determinada com o necessario rigor e está publicada em minhas “Memorias Chorographicas”.

Referindo-se ao Itacolumi, ha este trecho na pag. 12:

“... é o Itacolumi ou o “Menino de Pedra”, assim chamado por causa de um penhasco lateral e que apresenta, conforme a posição do observador, as formas mais bisarras dum esquilo ou de um sapo gigantesco”; etc.

Parece que houve aqui um equivoco, taes as duvidas bastante sérias que este trecho desperta.

Antes de tudo, é de uma extravagancia sem par achar bizarras as formas de um sapo, e ainda mais nessa especie de superlativo, pois bizarra, segundo os dictionarios, significa esbelta, elegante, bella. E', certamente, uma questão de gosto, pois, como se sabe, *de gustibus non est disputandum*; mas, difficilmente se encontrará uma pessoa que fique deslumbrada deante da bizarria ou belleza de um sapo.

Alem disso, a montanha chama-se "menino de pedra" por parecer-se com um esquilo ou caxinguelê e com um sapo; menino, caxinguelê e sapo são, portanto, animaes que se parecem. Ora, é provavel que ninguem concorde com essa semelhança, pois que são grandes as differenças entre essas tres fórmãs de animaes. O caxinguelê tem uma cauda comprida e sempre levantada, ao passo que o sapo não a possui sinão na phase inicial da vida, quando ainda respira por branchias; menino tambem não tem rabo; de sorte que não sei como se poderá dizer que menino, caxinguelê e sapo são parecidos uns com os outros.

Acho que a explicação dada pelo dr. Nelson não póde ser aceita, como acabo de mostrar.

Para dar, porém, a explicação sobre o que significa o termo "Itacolumi", não é preciso recorrer á semelhança de menino, caxinguelê e sapo; basta folhear um dictionario tupy e raciocinar um pouco.

Com effeito, *itá* significa pedra, e *curumi* ou *curumim*, menino. Como são duas pedras que, vistas á distancia e de certos pontos, se apresentam parecidas, sendo uma maior que a outra, *itacurumi* ou, por uma tendencia natural para facilitar a pronuncia, *itacolumi* quer dizer — pedra e menino, isto é, pedra grande e pedra pequena.

Si não mais acceitavel esta explicação, não exige, pelo menos, que se affirme ser um menino parecido com um sapo.

Na pag. 14, lê-se:

"A espessa camada avermelhada, onde ha de mistura grãos siliciosos e cristaes de quartzo, e que cobre quasi todos os planaltos do interior, é bastante compacta e não se desagrega facilmente pela acção do ar; todavia, os turbilhões de areia, flagellos da Africa e da Asia, não são de todo desconhecidos nesta parte da America: os comboios das estradas de ferro atravessam o terreno, ás vezes, em uma nuvem de pó."

Confundir os turbilhões de areia do Sahara com o pó levantado pelos comboios nas estradas de ferro, só mesmo por um grande esforço de imaginação.

Será cousa tão difficil reconhecer que a nuvem de pó é devida á terra do lastro e das margens, levantada pelo vento

produzido pela passagem bastante veloz do trem? Parece que isto está ao alcance de qualquer pessoa.

Actualmente, por exemplo, os comboios da Central do Brasil atravessam o terreno de Entre Rios a Barra do Pirahy, sob uma nuvem de pó... de carvão.

A desagregação da terra que forma as nuvens de pó não é feita pelo ar, porém, sim, pelas enxadas, picaretas e pás dos operarios, pois é sabido que as turmas de conserva realizam no leito da estrada operações que facilitam o apparecimento da tal nuvem de pó.

Referindo-se á serra da Mantiqueira, ha no livro do dr. Nelson de Senna esta informação (pag. 15):

“... vinda dos Estados meridionaes, se dirige para o interior de Minas, nas alturas do Parahybuna e se divide, etc.”

A affirmação de que a serra da Mantiqueira vem dos Estados do sul, representa certamente, um formidavel arrojo de imaginação... orographica. Poderemos dizer do mesmo modo, que a Mantiqueira vem de Matto Grosso ou de qualquer outro ponto, dos Andes, por exemplo, pois acharemos sempre um meio de ligal-a ao ponto escolhido para sua origem. Não basta dizer que ella vem dos Estados do sul; é preciso tambem mostrar que isso é uma verdade.

Segundo a noção fornecida pelo dr. Nelson, a serra da Mantiqueira entra em Minas nas alturas do Parahybuna. Isto representa, porém, uma verdadeira heresia geographica.

Quando ella encontra o Parahybuna, já tem cento e tantos kilometros no interior de Minas, pois vae encontral-o justamente nas suas nascentes.

São erros grosseiros que, infelizmente, se acham disseminados pela obra do estimado homem de letras.

Alludindo á cadeia do Espinhaço, diz (pag. 15):

“Esta cordilheira bifurca-se na serra do Mar, em S. Paulo, e estende-se em direcção a nordeste, etc.”

Onde é essa bifurcação? Em que logar?

A indicação do logar em que se dá a bifurcação é necessaria, pois, do contrario, nenhum valor terá a informação geographica.

A cordilheira do Espinhaço, segundo a informação acima, estende-se, depois de bifurcada na serra do Mar, para nordeste, sob o nome de Mantiqueira.

Não é verdade. A Mantiqueira é uma só; não existe esse ramo paralelo, resultante da tal bifurcação. Devia o dr. Nelson dizer qual esse outro ramo da Mantiqueira, por onde passa, quaes os seus nomes e outras indicações deste genero. Duvido, porém, que possa fazel-o.

Mas o proprio dr. Nelson está em desaccordo com essa bifurcação, pois na mesma pag. 15, ensina que a Mantiqueira é distincta da serra do Mar e parallela a esta. Ora, si a cordilheira do Espinhaço se bifurca na serra do Mar e segue dahi por deante, com o nome de Mantiqueira, terá esta um ponto de contacto com a serra do Mar, e si é, como diz o dr. Nelson, parallela a esta, a serra da Mantiqueira confundir-se-á com a propria serra do Mar, segundo as noções elementares da geometria.

A Mantiqueira deve ser, portanto, a propria serra do Mar e ao mesmo tempo, distincta desta serra.

Referindo-se á serra das Vertentes, ha, na pag. 11, este trecho attribuido a Reclus:

“Para oeste, uma saliencia aqui e acolá, eriçada de picos, separa as vertentes do S. Francisco das do Prata, etc.”

E' pura fantasia ou do traductor ou do geographo francez. Não existem esses picos; ninguem será capaz de citar talvez um só siquer. Conheço bem essa região e sei que ahi não ha picos notaveis, nessa quantidade que permita o emprego daquelle adjectivo “eriçado”.

Si é, de facto, de Reclus a affirmação dos picos que eriçam a serra das Vertentes, ainda uma vez elle errou, encampando o dr. Nelson esse erro.

Tambem admiro Reclus e penso que foi um grande geographo; essa admiração, porém, não vae ao ponto de suggestionar-me e impedir que reflecta sobre o que elle escreveu.

Ja mostrei alguns erros de Reclus na citação que o dr. Nelson nos dá como sendo um evangelho geographico. Na pag. 11, diz, com effeito, o illustre literato:

“Pediremos á penna eximia de um sabio, que foi mestre universal da sciencia geographica, isto é, a Elisée Reclus, estas pinceladas de um toque genial com que retraçou o quadro natural do aspecto e relevo de Minas.”

Um dos inconvenientes dessa admiração exaggerada é obscurecer o cerebro do admirador, inutilizando-o.

No trecho acima transcripto, manifesta-se o inconveniente a que acabo de referir-me.

Como poderia, com effeito, Reclus retrazar o quadro natural do aspecto e relevo de Minas, sabendo-se que retrazar, segundo os dictionarios, significa — cortar ou retalhar a palha para os animaes?

Isto é positivamente impossivel por maior que fosse a potencia genial do grande sabio. Elle nunca poderia transformar o quadro natural do aspecto e relevo de Minas em fragmentos de palha.

Não, Reclus nunca traçou esse quadro e muito menos o relevo de Minas Geraes.

Ainda sobre a orographia de Minas, informa o dr. Nelson, na pag. 13:

“Finalmente, no proprio valle do S. Francisco elevam-se numerosos massiços e pequenos contrafortes, uns parallellos ao curso fluvial, outros cortando-lhe o curso e dando logar com estes travessões de rocha a itaipabas, corredeiras e cacoeiras. O mais famoso destes grupos é o de lagoa Santa, muito conhecido na historia geologica do Brasil, etc.”

O massiço de Lagoa Santa, portanto, ou é paralelo ao rio S. Francisco, ou vae cortal-o. Si ha dous casos, deveria o informante dizer, já de uma vez, a qual delles pertence o referido massiço. Agora, por exemplo, eu perguntarei: — “Onde é cortado pelo tal massiço o rio S. Francisco?” Ou então: — “Qual o seguimento desse massiço paralelo ao S. Francisco?” Eu, por exemplo, não sei qual seja esse massiço que, ou vae cortar o S. Francisco, ou desenvolve-se parallelamente a este.

Quanto á fama do alludido massiço, parece que ainda ha um engano: não é o grupo orographico de Lagoa Santa que é famoso; este coitado até parece ser um illustre desconhecido; o que é famoso, simplesmente por ter sido a residencia de Lund, é o proprio logar chamado Lagoa Santa. Na historia geologica de Minas, porém, nem o tal grupo orographico, nem a propria Lagoa Santa tem importancia alguma, pois esta cabe especialmente aos fosseis encontrados em cavernas diversas; estes é que têm grande valor para a historia geologica de Minas.

Sobre as grutas do valle do S. Francisco, ha esta informação, na pag. 13:

“Camadas argillosas de varia espessura, cobrem o soalho dessas cavernas, contendo conchas terrestres e fluviaes, etc.”

Não é verdade. Conheço diversas grutas da alludida região e posso affirmar que o chão de suas galerias não é, por toda parte, coberto de camada argillosa. Quem já visitou a gruta de Makiné, deve saber que o chão de suas galerias é, quasi em sua totalidade, de calcareo e não de argilla ou materia argillosa.

Ha, certamente, partes de algumas grutas em que existe o deposito de terras até exploradas para a obtenção de salitre; não se pode, porém, generalisar, como fez o auctor. Pela noção dada pelo dr. Nelson, as galerias de todas as grutas têm o chão coberto de camada argillosa, o que não é verdade.

A respeito de altitudes, deixam muito a desejar as informações do dr. Nelson.

O leitor de seu livro deseja saber, por exemplo, qual é a altitude do pico das Agulhas Negras.

Procura-a no livro destinado a nos dar detalhes geographicos de Minas e lá encontra: 3.000, 2994,5, 2979, 2914, 2841, 2713 e 2775 para indicá-la em metros (pag. 22).

Qual é então, a altitude do pico das Agulhas Negras? Não se sabe. O leitor que escolha dentre esses sete valores diferentes, o que elle quizer. O livro nada explica absolutamente sobre a mais accetavel dessas diversas altitudes.

Para a altitude do Itambé do Serro são, da mesma fórma, os seguintes numeros, exprimindo metros: 2044, (pag. 22), 1870 (pag. 23), 1316 e 1817 (pag. 12).

Ninguem fica sabendo, porém, qual seja a altitude do Itambé do Serro. Nestè caso, a cousa ainda é um tanto peor, porque, segundo o alludido livro, Spix e Martius avaliaram, em 1817, essa altitude em 1870 metros, e os mesmos cidadãos, em 1818, tornaram a avaliá-la e encontraram 1316 metros. Ora, isto é, positivamente, uma anarchia altimetrica.

Parece-me que Spix e Martius não foram duas vezes ao pico do Itambé do Serro; mas si isto aconteceu, elles deveriam ser os primeiros a dizer qual das duas altitudes merece fé. O que não se pode conceber é que se indiquem dos mesmos observadores duas altitudes que apresentam a enorme differença de 554 metros, sem dizer qual dellas deve ser adoptada.

Para o pico de Itabira do Campo, dá o alludido livro as seguintes altitudes em metros: 1529 (pag. 12), 1573 (pag. 23), 1976, 1651 e 1492 (pag. 24).

Mas qual é a altitude do pico de Itabira do Campo? Não se sabe.

Que vantagem haverá em fornecer dados nessas condições?

Acho até que informações dessa natureza só servirão para confundir, para atrapalhar os poucos conhecimentos geographicos que já temos em Minas.

Quando julgamos ter dado um passo a frente; quando pensamos haver expurgado alguns erros devidos ao atrazo dos tempos passados, vem um livro a levantal-os de novo e de novo fornecel-os como si fossem dignos de fé. Não, o dr. Nelson de Senna não tem o direito de vir baralhar os nossos conhecimentos geographicos, muito embora com o consentimento tacito da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

O baralhamento que faz em seu livro é, certamente, muito mais apparente e mais pernicioso do que o que elle diz haver encontrado em trabalhos sismologicos publicados em nosso paiz.

Citando a altitude do pico da Bandeira por mim determinada, accrescenta, logo em seguida, a contestação feita por um capitão do Exercito, mas não transcreve, como deveria fazel-o,

os trechos que se encontram em minhas "Memorias Chorographicas", em que procurei mostrar que não tinha razão aquelle official.

Dá, assim, a altitude do pico da Bandeira, mas injecta logo no espirito do leitor a desconfiança, de modo a estabelecer a duvida sobre o resultado a que cheguei. Não posso forçar o dr. Nelson a aceitar a minha altitude, é claro; cumpria-lhe, porém, dizer por que motivo ainda ha duvida sobre ella, quaes os erros de que ella está affectada, discutir, emfim, o meu trabalho. Isto mostraria que o auctor estava na altura de separar o joio do trigo. Sem isto, não tem um auctor o direito de vir lançar a desconfiança sobre o trabalho alheio.

Em outros pontos do seu livro, tem o dr. Nelson de Senna descuidos que não podem passar sem formal contestação.

Vou mostrar alguns.

Do tremor de terra occorrido em S. Paulo, em janeiro de 1922, dá o illustre advogado uma noticia, seguida de uma especie de explicação scientifica, que veio apenas mostrar ser o distincto homem de letras completo desconhecedor dos rudimentos de sismologia.

Quem não tem, como o prezado literato, conhecimentos elementares, ao menos, de sismologia, não pode mesmo, e isto é clarissimo, explicar a causa de certos phenomenos sismicos, que aos proprios sismologistas offerecem serias difficuldades. Não é de extranhar, portanto, que na explicação dada por um leigo em sismologia, se encontre uma serie de noções falsas.

Diz, com effeito, o illustre bacharel, na pag. 32:

"Das Republicas Argentina e Oriental veio se irradiando esse fortissimo sismo para o norte até chegar a costa paulista e dahi pelo interior do nosso paiz, durando alguns segundos e sendo ouvidos fortes estampidos, atroando os ares, emquanto a terra toda tremia!"

Não é verdade.

A onda sismica não veio da Republica Argentina nem do Uruguay. A observação demonstra que o abalo foi mais forte entre Amparo e S. Paulo, decrescendo, em intensidade, para o sul e para as outras direcções a partir desse trecho. Para se poder affirmar que a onda sismica veio do sul, era preciso mostrar o seu trajecto até S. Paulo e Minas. Não ha, porém, indicios desse trajecto e, portanto, ninguem poderá dizer que a dicta onda veio do sul do Brasil.

O terremoto não foi mandado pelos nossos vizinhos; elle foi genuinamente paulista.

O proprio dr. Nelson diz, na pag. 32, que os sismographos do Rio indicaram que o abalo se deu a 380 kilometros do aparelho. Ora, si o sismo veio da Republica Argentina e invadiu a costa paulista, o epicentro não podia distar apenas 380 kilometros do Rio. Diz a Logica que isto é, simplesmente, um absurdo.

Transmitte o dr. Nelson, na mesma pag. 32, esta explicação que elle diz ter sido dada pelos competentes especialistas dos Observatorios do Rio de Janeiro e S. Paulo:

“O facto foi motivado pelo desmoronamento de terras do sub-solo, em consequencia das grandes chuvas cahidas ultimamente (fins de 1921 a principio de 1922). E tanto assim que foram ouvidos ruidos por occasião do phenomeno, partidos do sub-solo.”

Antes de tudo, devo lembrar que na profundidade em que se dão os abalos occasionadores de terremotos — alguns kilometros pelo menos, abaixo da superficie terrestre — não existe o que nós chamamos “terra”. Desmoronamento de terras nessa profundidade, é simplesmente uma tolice.

Além disso, os ruidos subterraneos não provam cousa alguma, pois elles são devidos, segundo a doutrina corrente, ás vibrações longitudinaes e transversaes das camadas terrestres, em virtude do chόque, qualquer que seja a causa de producção deste. Querer provar que a causa do abalo foi o desmoronamento de terras, só porque foram ouvidos ruidos subterraneos, é como se vê, ainda uma tolice.

Outra cousa inexacta é esta affirmação da referida pagina 32:

“O abalo foi um pouco acima do medio, tendo os sismographos do Observatorio Paulista e os barometros registado uma componente horizontal de 8 centimetros.”

Isto não é verdade, porque, em S. Paulo na occasião do tremor, não havia nem sismographo, quanto mais sismographos, e tambem porque o barometro não pode absolutamente registrar a componente horizontal de uma onda sismica. Os competentes especialistas que affirmam taes disparates, têm a obrigação de vir provar que estão com a verdade.

Por minha parte, porém, não creio que os technicos do Observatorio do Rio de Janeiro tenham dicto que os barometros de S. Paulo registraram a componente horizontal de uma onda sismica; conheço bem o nosso instituto astronomico para poder garantir que isso se daria si algum delles ficasse louco e então proferisse aquella blasphemia.

Não conheço o Observatorio de S. Paulo, mas também duvido que de seus technicos partissem informações como as que nos deu o dr. Nelson de Senna.

Para mostrar que o dr. Nelson de Senna não está bem ao par das synonymias em sismologia, vou transcrever este trecho da pag. 28 de seu livro:

“Os prolongados tremores de terra foram acompanhados de um verdadeiro terremoto, havendo também, etc.”

Ora, tremor de terra e terremoto significam a mesma coisa. Os proprios dictionarios se incumbem de ensinar isso, sem ser preciso recorrer aos tratados de sismologia.

Na mesma pag. 28, diz o dr. Nelson:

“No referido estudo, accentuavamos que uma vez que “os phenomenos vulcanicos dependem sempre dos tremores de terra, de que elles são de algum modo o ultimo termo ou manifestação”, etc.

Essa affirmação esborôa-se deante do que nós mesmos observamos. Por ella, os phenomenos vulcanicos são uma consequencia dos terremotos.

Em primeiro lugar, sabemos que ha milhares de terremotos que não produziram vulcão algum; em segundo lugar, as erupções dos actuaes vulcões não seguem essa lei de dependencia dos terremotos. Alem disso, tanto os geologos como os sismologistas actualmente mais acatados, não confundem os phenomenos vulcanicos com os de deslocação da crosta terrestre. E' hoje uma noção corriqueira a divisão dos tremores de terra vulcanicos e tremores tectonicos, que nada têm com os vulcões.

Em vez dos vulcões serem uma dependencia dos tremores de terra, estes é que são, no caso dos terremotos vulcanicos, uma dependencia dos vulcões. E' justamente o contrario do que diz o dr. Nelson. Basta ler o que diz, por exemplo, Alfano em sua “Sismologia Moderna”:

“Altri terremoti mostrano intimo rapporto con i vulcani; avvengono nelle loro aree, accompagnano lo sviluppo della loro attività.”

Está muito enganado, portanto, o dr. Nelson em seu “Estudo” sobre vulcões.

Na pag. 12, lê-se isto:

“... um pico de origem ignea, o Itambé do Serro, etc.”

Não sei onde é que o dr. Nelson foi encontrar tanta informação errada para fazer parte do seu livro. Esta, por exemplo, é uma dellas.

Conheço muito bem o Itambé do Serro e as suas circumvisinhanças, e posso affirmar que a montanha em que está

esse pico é formada de grês; e grês nunca foi considerada rocha ignea.

Nessa mesma pagina 12, lê-se isto:

“... ergue-se um rival do Itacolumi, o Itabira do Campo, montanha de cume duplo muito difficil de subir e quasi unicamente composta, como a Piedade e a outra Itabira, d'um minerio ferruginoso, o itabirito, que contém 60 % de metal puro (ferro).”

E' um periodo repleto de inexactidões.

Em primeiro lugar, a montanha não tem cume duplo, nem é difficil de subir. Ha mais de cem annos ja alli existe um bom caminho que conduz até o alto, e dahi vae para outros logares, como Arêdes, onde houve grande exploração de ouro de alluvião, Agua Quente, etc. O caminho passa, no alto da serra, em uma garganta ladeada de grês e itabirito; mas isto não auctorisa dizer-se que a montanha tem duplo cume.

Em segundo lugar, a montanha não é formada *quasi unicamente* de itabirito. Isto é falsissimo.

Da actual villa de Itabirito, que está ao pé da montanha, até o alto desta, no trajecto de uma legua, não se encontra o itabirito sinão no alto da serra. E', como já disse, falsa a affirmação que está no livro do dr. Nelson.

Outra inexactidão e bem grande, existente no periodo precedentemente transcripto, é dar ao itabirito o papel de minerio de ferro. O dr. Nelson repete isto em varios logares de seu livro e até em um discurso pronunciado na Camara dos Deputados. Mas está muito errado.

Itabirito é uma rocha formada de oligisto e areia de quartzo.

Pelo menos, nas condições actuaes da siderurgia, essa rocha não pode ser utilizada para della se extrahir o ferro, isto é, não pode ser utilizada como minerio de ferro.

Além disso, o itabirito não pode conter, absolutamente, 60 por cento de ferro, pois a propria constituição da rocha o impede.

Não posso atinar como foi que o dr. Nelson descobriu essa historia de itabirito ser minerio de ferro.

Infelizmente, são noções erradissimas que o seu livro irá divulgar.

Transcreverei ainda este trecho da pag. 13:

“A cadeia do Espinhaço, a leste do valle do São Francisco, compõe-se sobretudo de gneiss, passando em alguns logares para granito, syenito e micaschisto. Os dorsos são por toda parte muito arredondados, e até as massas conicas escarpadas, que aqui e acolá se destacam, apresentam sempre um perfil

recurvado. As rochas cristallinas que os constituem são de uma substancia granulada com grandes cristaes de feldspatho muito faceis de desagregar e formando as camadas arenaceas e avermelhadas que se extendem pelas encostas, etc.”

Si o auctor tivesse lido, por exemplo, o trabalho de Derby, intitulado “The Serra do Espinhaço”, teria evitado dizer o que se lê nas linhas acima citadas a respeito da constituição geologica dessa serra; teria sabido que ella apresenta em grande copia schistos argilloso, calcareo, grês, talcschistos e chloritochistos. Estas rochas formam a chamada “serie de Minas” e sobre seu papel na serra do Espinhaço, passarei para aqui o que diz Derby no alludido trabalho “The Serra do Espinhaço”:

“The Minas series has always been regarded as the characteristic formation of the Serra do Espinhaço, and it is certain that it, or another series very like it, appears throughout the entire length of the range.”

Parece que não preciso dizer mais nada para mostrar que está muito enganado o dr. Nelson quando se refere em seu livro á constituição geologica da serra do Espinhaço.

Outra informação inexacta é a que diz serem os dorsos dos morros formados de cristaes de feldspatho e *uma substancia granulada*. Falsissimo.

Conheço grande extensão da serra do Espinhaço (desde Caraça até Diamantina) e posso affirmar que não existe a uniformidade citada pelo dr. Nelson relativamente á cobertura dos dorsos. Em extensões immensas, os dorsos dos morros são de areia ou de grês, por exemplo; não ha ahi nem vestigio de feldspatho.

Além disso, hoje, que ja se conhece alguma cousa da nossa geologia, vir uma pessoa falar em *uma substancia granulada*, para dar noção da constituição geologica de uma serra, é até fazer pouco caso do nosso meio scientifico.

O feldspatho com essa substancia granulada forma camadas arenaceas e avermelhadas... Isto até parece brincadeira.

Posso tambem contestar serem os dorsos dos morros por toda parte *muito arredondados*, pois isto é inexacto. Basta citar o pico da Carapuça, a Verruguinha, os picos da Trindade, na serra do Caraça, o morro do Breu, na do Cipó, o pico da Tromba d’Anta, perto de Diamantina, e outros que seria fastidioso enumerar.

Informou-se em maus livros o dr. Nelson para dar-nos informações geologicas.

Ensina elle, por exemplo, que “ao systema Siluriano se refere a serra da Mantiqueira entre Minas e S. Paulo” (pagina 33).

Não é verdade. Conheço a Mantiqueira, na zona limítrope com S. Paulo, desde a Serra Fina, nas proximidades do limite com o Estado do Rio, até os campos do Jordão. Nessa enorme extensão, a rocha que lá se encontra é o gneiss, o que quer dizer que não existe ali o terreno siluriano.

Outros enganos imperdoáveis e que causam mau efeito, encontram-se espalhados pelo livro do dr. Nelson. Cita, por exemplo, a barytina (pag. 114) como *sulphureto de baryta*, e, incluindo o cimento entre os "Mineraes occurrentes em Minas" (pag. 112 e 115), diz que em Antonio Pereira ha "jazidas de cal preta hydraulica, verdadeiro cimento natural" (pag. 115).

Até hoje ninguém encontrou jazidas de cal preta; têm-se encontrado jazidas de calcareo argilloso que fornece, por calcinação, a cal preta. Alem disso, cal hydraulica não é a mesma cousa que cimento natural. Só produzem cimento natural ou de presa rapida, tambem chamado "cimento romano", calcareos que contêm argilla em determinadas proporções.

Na pag. 122, diz:

"Os nossos minerios de ferro mais exploraveis, aqui no Estado de Minas, são os constituídos pelo itabirito, limonito, oligisto, ferro specular, pelos depositos de conglomerato ferri-fero (canga) e a jacutinga, como base do itabirito; e, na opinião de abalisado especialista, a hematita não é, pois, o principal dos nossos minerios de ferro, como geralmente se diz."

Os melhores minerios de ferro são, portanto, o itabirito, o limonito, o oligisto, o ferro specular, o canga e a jacutinga; as hematitas são inferiores a estes, segundo diz um especialista abalisado.

Será bom que o dr. Nelson não se louve mais em especialistas abalisados ou competentes, pois é sempre infeliz. Os competentes especialistas que lhe deram informações sobre o terremoto de S. Paulo, abusaram de sua boa fé, como já mostrei em outro lugar destas considerações; agora vem um outro que tambem induz o illustre literato a dizer em seu livro verdadeiras heresias.

A inclusão do itabirito entre os minerios de ferro é simplesmente um absurdo, como já mostrei em outro lugar.

A hematita não é, aqui no Estado, um minerio exploravel. Porque? Não nos informa o abalisado especialista.

Colloca esse cidadão o limonito, que dá o rendimento industrial de 35 a 40 % de ferro, acima da hematita, que chega a produzir até 60 %; colloca a jacutinga, minerio pulverulento, improprio para fornos altos, acima da hematita, que representa

o melhor minerio de ferro até hoje conhecido, sob o ponto de vista de seu emprego nos fornos altos.

Cousas sedições para quem tem noções elementares de metallurgia do ferro, são contrariadas pelo abalisado especialista, que ninguem sabe quem seja.

Os especialistas do dr. Nelson são verdadeiros demolidores, talvez anarchistas, que desejam desmoronar as bellas construcções scientificas que ja possuímos.

Ponhamo-nos em guarda contra esses especialistas que ensinam ser o itabirito minerio de ferro muito melhor que as hematitas, e proferem outros disparates semelhantes.

Não se pode exigir que o dr. Nelson saiba geologia, sismologia, orographia e outros assumptos estranhos ás sciencias juridicas, e por isso, si alguem exigiu que elle dissertasse sobre esses assumptos, de que elle não entende, fez muito mal em acceitar a incumbencia, pois nos forneceu um livro cheio dos erros que deixei apontados nas linhas que ahi ficam.

Bello Horizonte, 27-2-924.

ALVARO DA SILVEIRA.



RESPOSTA

DADA PELO AUTOR DA "CHOROGRAPHIA DE MINAS GERAES", PUBLICADA PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO, ÀS "CONSIDERAÇÕES", CRITICAS CONSTANTES DE UMA CARTA ESCRIPTA Á MESMA SOCIEDADE, EM 27 DE FEVEREIRO DE 1924.

A' illustre Directoria da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

A proposito da *Chorographia de Minas Geraes*, inserta no vol. X da *Geographia do Brasil*, obra editada sob os auspicios dessa respeitavel aggremação scientifica, expendeu uma série de "considerações" á guisa de critica, o cidadão que as subscreveu e datou de Bello Horizonte, em 27 de Fevereiro do corrente anno. Acontece, porém, que sómente a 3 do fluente mez de Abril, recebi na cidade do Rio de Janeiro, onde me achava a passeio, uma copia dactylographada dessa critica á minha *Chorographia de Minas*, tendo vindo a dita copia acompanhada de um cartão do Sr. Dr. Thomé Bezerra, em nome daquella Directoria, afim de que eu resolvesse a respeito do que melhor me parecesse em defesa do meu livro, que occupa todo o referido volume décimo da série editada pela douta Sociedade.

Não obstante algumas razões adeante explanadas, e que bem justificariam o meu silencio em responder ao censor, entendi de meu dever appôr, á margem de cada um dos *itens* do libello critico, algumas singelas notas e commentarios de defesa, que deduzirei *sine ira ac studio*, deixando o julgamento final ao inteiro arbitrio da Sociedade de Geographia. As razões que me deveriam demover de qualquer resposta seriam sómente estas tres. A *primeira* consiste nos termos da

propria *Explicação Preliminar* com que abre o vol. X, e na qual a illustre Commissão Organizadora da grande obra emprehendida por essa douta Sociedade — para dignamente commemorar o Centenario da nossa Independencia — fez publico este protesto de gratidão, que muito me conforta: “Ao autor, que tão dignamente soube dar desempenho á graciosa e onerosa missão, *realizando por si um trabalho, a principio distribuido por varios collaboradores, mas cujos impedimentos o sobre-carregaram de toda a vasta e complexa materia*, aqui ficam os nossos agradecimentos”. Accrescendo a essa *Explicação* a circumstancia de que eu proprio considerei a minha contribuição: modesta “*Memoria*”, “escripta em resumido espaço de tempo” (pag. 67), “sem nenhuma pretensão de um trabalho scientifico” (pag. 138). Portanto, só acceitei a penosa incumbencia, á falta de outros que, como o censor, com maior competencia, a quizessem ter desempenhado.

A *segunda* razão cifra-se nisto: antes de enfeixar em volume esse meu trabalho, delle publiquei largos excerptos, durante o anno de 1921, nas paginas da esplendida revista carioca — *Illustração Brasileira*; e quasi que toda a materia dos capitulos do meu livro — sómente editado já dos meados para o fim de 1923, devido a costumeiros contratempos de impressão, assim retardada — sahiram antes em rodapé do *Diario de Minas* (de Bello Horizonte), divulgando eu por esse modo o trabalho, á espera de uma opportuna critica dos competentes, afim de melhor escoimal-o de suas naturaes imperfeições. Desde muitos annos, como obscuro professor e escriptor, sem confiança no meu deficiente preparo, adoptei á risca seguir este salutar conselho de BOILEAU, do qual fiz uma divisa para a série dos sete volumes já editados do meu bem conhecido — ANNUARIO HISTORICO, GEOGRAPHICO E ESTATISTICO DE MINAS GERAES: “*Vingt fois sur le métier remettez votre ouvrage, polissez-le sans cesse et le repolissez*”.

Entretanto, nem do censor actual, nem de qualquer outra procedencia me chegaram ao conhecimento observações e corrigendas, como fôra de meu desejo, afim de expurgar o trabalho de suas lacunas, defeitos e enganoses.

A *terceira* razão é de ordem pessoal. Eil-a: em nada menos de dezeseite paginas da *Chorographia de Minas* (pags. 20, 21, 22, 23, 24, 31, 39, 91, 100, 113, 138, 147, 149, 206, 219, 247 e 395) tributei as devidas homenagens ao censor, citando-lhe o nome, os trabalhos e o valor scientifico, sempre que se me offereceu ensejo de em meu livro tributar-lhe o meu apreço. Confrades da mesma vida literaria (na Academia Mi-

neira de Letras); collegas de professorado, como cathedra-ticos do mesmo Instituto de ensino superior (na Escola de Engenharia de Bello Horizonte) e filhos deste mesmo Estado, onde de longos annos convivemos na imprensa, sem jámais termos terçado armas em polemicas — para as quaes o temperamento do censor é frequentemente arrastado, emquanto eu a ellas sou de todo avesso —, foi com pasmo, e até certa incredulidade, que ha um mez mais ou menos soube de um joven amigo e illustre jornalista desta Capital que o censor estava moendo a mim mesmo e ao meu pobre livro com grossa pancadaria por um orgão da imprensa de Juiz de Fóra. Ficou esse amigo de obter-me os numeros do quotidiano em questão, mas até hoje os espero para ler. Nesse interim, fui ao Rio e alli em principios deste mez, como disse (na tarde do dia 3), recebia no Hotel Avenida o cartapacio critico, pela copia dactylographada que a gentileza da Directoria dessa illustre Sociedade me fez chegar ás mãos.

“Cahi das nuvens”, como se diz, ao passar os olhos pelo aranzel do censor, que nunca eu poderia imaginar capaz de contumélia tão sem justificativa como essa, dados os precedentes de nossas velhas relações pessoaes, assim por elle espontaneamente desatadas. Eis porque meu desejo era o de não responder ao censor. Faço-o, porém, mais em homenagem á douta corporação scientifica, a qual está tambem em causa, visto que o censor acha que a minha *Chorographia de Minas* veio “baralhar os nossos conhecimentos geographicos”, “com o consentimento tacito da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro”.



Comquanto seja difficil acompanhar o processo de caranguejo, adoptado pelo censor, na sua critica ao meu trabalho, indo para deante e vindo para trás, na analyse salteada de trechos das paginas da *Choreographia de Minas*, tentarei responder aos principaes topicos alvejados pelas suas “considerações”.

Enceta o censor a critica pelo que em linhas geraes escrevi, á pag. 9, sobre um trecho da divisa de Minas Geraes e São Paulo, “por todo o espigão da Mantiqueira — desde a nascente do Rio Preto ao Morro do Lôpo”, declarando estar “isto muito errado”; mas, deixou de attender a outras referencias que fiz sobre esses limites da *raia meridional* de Minas (pag. 8), expressamente constantes do Accordo São Paulo-Minas, publicado á pag. 233, e sendo de consignar-se a resalva que fiz, á pag. 228, sobre as alterações e modificações que

esse e outros accordos com Estados limitrophes trarão ás divisas de Minas. Além de que nunca vi, por exemplo, critica do censor ao que escreveu o professor Dr. RODOLPHO JACOB, á pag. 3 da sua obra — “Minas Geraes no seculo XX” (edição de 1910), e que dá nestes termos a mesma linha divisoria — por mim indicada em traços mais geraes — para os territorios mineiro e paulista: “Pelo lado de São Paulo, a fronteira segue o Rio Grande da sua confluencia com o Paranahyba até a foz do ribeirão das Canôas, dahi vae por uma linha mal determinada até o Morro do Lôpo, e deste, pelo espigão da Serra da Mantiqueira, vae terminar na nascente do Rio Preto”. Deveria ter tambem o censor chamado ao castigo da sua férula, nem só o autor que venho de citar, como o Engenheiro naval e nosso patricio Dr. THIERS FLEMING, que á pag. 144 do seu livro — “Limites e superficie do Brasil e seus Estados” (Rio, edição de 1918) — assim traçou, *seguidamente pela Mantiqueira*, a “Fronteira Minas-São Paulo: Serra da Mantiqueira até o Morro do Lôpo, dahi, etc.”

Ora, o censor com a sua autoridade de Chefe da Comissão da Carta Geographica de Minas, já deveria ter apontado, nos livros desses outros autores, os “erros” que ora me increpa; e, certamente, deveria ter em attenção que nem mesmo foi ainda fixada, *definitivamente*, a nossa divisa austral e de sudoeste, dependente a questão do laudo arbitral ainda não proferido. O “resumo historico documentado”, que o illustre deputado federal e ex-Director do Archivo Publico Mineiro, Sr. Dr. AUGUSTO DE LIMA, fez dos *Limites entre Minas e São Paulo* (edição official de 1920), traz a “descripção da linha de limites actuaes” (pags. 354-358) entre esses dous Estados; mas, ainda assim sujeita a possiveis alterações conciliatorias, nos termos do referido Accordo de 5 de Julho de 1920.

☆

Passa o censor a criticar — de má vontade ou má fé — um trecho da pag. 21, em que eu escrevi que o Pico do Itatiaya, na Mantiqueira, interessa — *pelo massiço em que se acha* — aos territorios alli limitrophes ou convergentes dos tres Estados de Minas, Rio e São Paulo. Evidentemente, o ponto de convergencia das tres divisas *não está no Pico* e sim nas suas immediações, isto é, *no massiço* em que elle se exalça. Tudo isto é de uma evidencia muito logica. Mas, o censor queria que eu — e isto muito fóra do plano geral do meu livro — entrasse em detalhes de distancias, em minucias kilometricas para determinar “esse ponto de con-

vergencia"; e, em tom autoritario, reclamou que se não devia commetter "erro tão grosseiro", pois tudo isso elle deixará bem aclarado em suas *Memorias Chorographicas*, já aliás por mim citadas á pag. 395 da *Bibliographia* final (em que relatei mais de 80 obras de que fiz proveitosa consulta para poder elaborar, em poucos mezes, o meu livro). Mandou-me corrigir a denominação — *Pico do Itatiaia* — para — "Pico das Agulhas Negras" —, revelando assim que não leu a transcrição que, á pag. 20, fiz precisamente de um trecho do seu interessante estudo — *Pontos Altos do Brasil*, ha tempos publicado no diario *Minas Geraes*, mencionando a reclamada denominação "Pico das *Agulhas Negras*" e dando-lhe a altitude fixada pelo proprio censor em 2.830 metros (pag. 21). Ahi mesmo, nessa pagina 21 (como antes já eu o fizera na pag. 11, *in-fine* e na pag. 13), mostrei que "observações posteriores já haviam deslocado para o contraforte do Caparaó o mais alto pico brasileiro" e que o censor "precisára a altitude do Caparaó" que, na sua expressão, é "o verdadeiro ponto culminante do Brasil, pelo menos á vista do que se sabe até o presente". Mas, o proprio censor que citára tres diferentes altitudes para o "Pico da Bandeira", no Caparaó (2.884, 2.856 e 2.851 metros), adoptando esta ultima medição de 2.851 ms. como "valor que poderá ser tomado para representar a altitude daquelle Pico" — conforme escreveu na série de artigos, sob a epigraphe "O Itatiaia e o Caparaó" (tudo isto vem citado á pag. 21 do meu livro!); elle mesmo me vem agora criticar, acerbamente, por haver relacionado, da pag. 22 á pag. 26, uma longa enumeração de altitudes dadas por diferentes autores — inclusivé dez que foram determinadas pelo proprio censor — para "algumas montanhas e localidades mineiras" (de novecentos metros para cima, sobre o nivel do mar). A mim me parece que dei com isso prova de probidade, como escriptor, citando os dados colhidos em diferentes fontes, embora até com maior minucencia quanto ao resultado a que chegára o censor.

Não fui eu e sim o proprio censor quem consignára duas altitudes diversas para o Pico das *Agulhas Negras* no Itatiaia: 3.830 metros (na sua medição, citada no artigo que d'elle transcrevo ás paginas 20-21 da *Chorographia Mineira*); e 2.713 metros, segundo a sua coincidente medição com a de GLAZIOU (vide pag. 22 da mesma *Chorographia Mineira*). Devo esclarecer que esse resultado de 2.713 metros, elle affirmára ter verificado *in loco* (conforme artigo seu no *Minas Geraes*, em abril de 1912, e de que fiz menção á pag. 469 do tomo I, vol. VI do *Anuario de Minas* para 1918).

Tudo, pois, revela a injusta prevenção do censor para com o meu livro, quando extranha as differentes altitudes, que menciono para varios Picos notaveis de Minas, quaes o Itabira de Campos, o Itacolomy, a Piedade, o Itambé do Serro, etc., segundo os diversos autores que as consignam. Quanto ao "Pico ou Pontão da Bandeira" (legitima gloria dos trabalhos do censor), fui mesmo espontaneo proclamador dessa gloriosa ascensão, quando ha annos — assistindo a uma conferencia no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e alli ouvindo citar-se a culminancia maxima do Itatiaya — tive ensejo de divulgar em palestra com alguns consocios, que o illustre conferencista certamente ainda não conhecia a determinação da maior altitude orographica do Brasil feita no Caparaó pelo meu actual censor, a quem então cheguei a dar, pessoalmente, nesta Capital, conhecimento dessa occurrencia. Por que então vir asseverar, gratuitamente, o censor que "injectei logo no espirito do leitor (do meu livro) a desconfiança, de modo a estabelecer a duvida sobre o resultado" a que elle chegára na medição do Pico do Caparaó?

Longe de mim propositos de tal ordem. O que apenas me causa especie (*latet anguis in herba...*) é ver como o censor me crimina exactamente por lhe haver citado os trabalhos. Por exemplo: elle reclama que se vulgarise a determinação que fez "com o necessario rigor" da altitude do "Pico do Itambé" (do Serro) com 2.044 metros, como "o ponto mais alto da serra do Espinhaço, até hoje conhecido". Ora, á pag. 22 (25^a e 26^a linhas) da minha *Chorographia*, lá está essa altitude do censor, de quem alli nominalmente cito outras determinações, no Pico do Itatiaya, no Pontão da Bandeira, no Pontão do Crystal, no Morro do Breu, na Serra do Batatal, no Morro da Verruguinha, no Pico da Itabira do Campo, na Serra do Ouro Branco...

Quanto á altitude do *Caraça*, eu a tirei do *Atlas* do saudoso mestre BARÃO HOMEM DE MELLO (pag. 33): "*Massiço do Caraça*, cujo ponto culminante, denominado *Carapuça*, tem 1.955 metros de altitude"; enquanto que para a Serra do Itambé do Serro o mesmo autor (pag. e op. cit.) apenas dava 1.817 metros de altitude.

Respondendo a esta parte de um dos ataques do censor sobre a materia contida em meu livro, no capitulo Orographia de Minas, eu poderei lembrar que o Itatiaya ou Itatiaia ("pedra das aguas saudaveis", como foi interpretado o nome indigena por COUTO DE MAGALHÃES) foi sempre o nome vulgarmente dado ao Pico daquella região sulina da Mantiqueira. Si bem que as *Agulhas Negras* estejam no apice do massiço,

o próprio ORV. DERBY usa da expressão "Pico do Itatiaya" (pag. 13 do folheto "Os Picos Altos do Brasil", ed. de 1889); e, antes delles temos FRANKLIN MASSENA — que desde 1867, nos "Quadros da natureza tropical ou ascensão scientifica ao Itatiaya", vulgarizou a denominação "Pico de Itatiaya", usada por escriptores como J. PALMELLA e HORACIO DE CARVALHO, além de ser a seguida pela gente da região. A expressão erudita "Pincaro das Agulhas Negras" já a vamos encontrar nos geographos mais modernos (por exemplo, á pag. 14 do cit. *Atlas* de 1910, de Homem de Mello).

Logo, não era cousa de espanto o haver a *Chorographia de Minas* empregado, indifferentemente, uma e outra expressão, ás pags. 20-22.



Todo o trecho transcripto desde pag. 11 á pag. 14 — guardado entre *aspas*, no meu livro, sobre o Relêvo do Sólo Mineiro — é da autoria de ÉLISÉE RECLUS, como alli está claramente assignalado; do mesmo modo por que o fiz com os trechos constantes, respectivamente, da pag. 43 á pag. 45, e da pag. 171 a 174 sobre a bacia do nosso Mediterraneo fluvial (o rio São Francisco) e do amplo territorio mineiro dentro della comprehendido.

Trasladei-os da excellente traducção brasileira de RAMIZ GALVÃO, publicada em 1900, e que o censor certamente possue, por maior que seja o seu descaso pela obra e renome do sabio francez.

Portanto, não devia elle jámais pôr em duvida a proveniencia dos topicos e periodos, que fossem encontrados na *Chorographia de Minas*, pertencentes á alludida transcripção, e sobre os quaes, entretanto, bordou os mais violentos e injustos ataques visando directamente a minha pessoa. A' pag. 191, da 20^a até 26^a linhas da traducção da obra já mencionada (RAMIZ verteu o trabalho do XIX vol. da *Nouvelle Geographie Universelle*), está o trecho referente á Mantiqueira; assim como da 8^a até 11^a linhas da pag. 192 da mesma obra, encontraria o censor o trecho sobre Itacolomi, por mim reproduzido á pag. 12 do meu livro, e causador de tamanha furia á sua critica, que foi ao extremo de me dar a paternidade do conceito todo pessoal do eminente geographo francez, na maneira por que a este se lhe afiguraram as "fórmulas bizarras" do conhecido penhasco das cercanias de Ouro Preto.

Continuou o censor a sua incommoda tarefa de respirar no meu livro outros topicos, sobre os quaes derramasse a

sua reconcentrada má vontade, e, até então nunca por mim suspeitada antipathia ou aversão. Da pag. 14 destacou outro dos trechos ainda por mim transcriptos da obra de RECLUS, com a qual parece embirrar, solememente. E' o que se vê na obra traduzida pelo Dr. RAMIZ (pag. 195, da 10^a até 15^a linhas), e em que o geographo francez dá a sua impressão sobre o terreno de uma parte dos planaltos interiores, que elle atravessou em trem de ferro, sob uma nuvem de pó. O censor ahi *desanca*, afinal de contas, é a RECLUS — pensando que o fazia era a mim — na pilheria de falar “no grande esforço de imaginação”, que me attribue, quanto ao ser alli explicada (á pag 14 do meu livro) a composição do sólo causadora da terra pulverulenta e avermelhada, que a passagem dos comboios vae levantando em turbilhões de poeira...

Em outro passo da critica do censor (sobre a direcção geral da Mantiqueira, *ut* pag. 15 do meu livro), elle *me empresta* “um formidavel arrojio de imaginação... orographica”, quando lá estão citados o titulo e a pagina do trabalho do professor DELGADO DE CARVALHO, *vinda dos Estados meridionaes e se dirigindo para o interior de Minas*, em cujo territorio penetra “nas alturas do Parahybuna”. Logo, a noção não é minha propriamente; e ao censor cumpre chamar a contas o geographo indicado (illustre professor do Collegio Pedro II) pela inculcada “heresia geographica”. Novo “erro grosseiro” encontra o censor, na pag. 15, quando alli o meu livro allude ao contacto orographico da Mantiqueira com a Serra do Mar em territorio paulista. Pois bem, mostro-lhe a lição de um mestre de todos nós: “Pouco além da Cantareira, *uma cinta de terras altas prende o systema da Mantiqueira com a Serra do Mar, fazendo a separação das aguas dos rios Tieté e Parahyba*” (pag. 15, cap. IV, do cit. e precioso *Atlas* de HOMEM DE MELLO). Logo, eis ahi o logar exacto da bifurcação contestada. Si lhe não vale o *quináu* á sapiencia, attenda o censor ao ensinamento de MALTE BRUN, que certamente não foi um hereje em geographia: “*As montanhas não teem, em geral, direcção alguma exactamente regular: as cordilheiras serpenteiam sempre e perdem-se muitas vezes em planaltos*”. Eis porque o censor, partindo apenas de um egocentrismo mental, reputa erradas todas as descripções e opiniões que se não accomodam ao seu modo personalissimo de observar e entender as cousas.

Adeante, no seguir desta defesa, ainda voltarei á questão, porque o censor embrulhou, de proposito, o que claramente está no meu livro (pag. 11), onde alludi tão sómente ao conhecido *parallelismo* das Serras do Mar e Mantiqueira — e não a um

particular “ramo paralelo” destacado da propria Mantiqueira, como insinúa o censor e pretende fazer crer que eu tal o dissesse.

Da 16^a até á 19^a linhas da pag. 191 da obra de RECLUS (refiro-me sempre á traducção RAMIZ) consta o trecho que o censor mutilou, ainda á pag. 11 do meu livro, para melhor critical-o, a seu arbitrio e vontade. Ora, o dizer elle que, entre o Alto de São Francisco e os valles do Paranahyba e Rio Grande (vertentes do *PARANA'*) “não existe sequer um só pico”, é ousada temeridade. Bastará vêr a região montanhosa do extremo oeste por onde se prolongam em difficeis traçados as *Estradas de Ferro Goyaz, Paracatú e Oeste de Minas*, para affirmar que lá se encontram grandes elevações, nas Seras conhecidas pelos nomes locaes de: Capetinga, Chapada, Urubú, Saudade, Canastrão, Marcella, Panda, Paridá (e não “Parída”) Tigre, Misericordia, Andrequicé, Macahubas, e em outros pontos, como Campos Altos e em varias lombadas da Serra da Canastra e Matta da Corda, nos seus differentes contrafortes.



Ainda em relação a dous topicos da pag. 13 da minha *Chorographia de Minas*, criticados pelo censor, (referem-se esses topicos aos terrenos elevados da Lagôa Santa — saudavel paragem mineira situada a 725 ms. de altitude, *ut* pag. 132 — e á constituição das camadas que cobrem o chão das grutas calcareas dos seus arredores), eu mais uma vez lhe lembrarei que, conforme está claramente dito e repetido no meu livro, se trata de uma descripção de RECLUS, podendo o censor conferir os alludidos topicos com o que está á pag. 194, linhas 3^a á 9^a e linhas 16^a á 18^a, *passim*, da obra que RAMIZ GALVÃO fielmente traduziu e seria incapaz de adulterar no seu texto, sendo gratuita a injuria de suppôr o contrario. Mais uma vez, portanto, incide o censor no seu vêsso de me dar a autoria do que apenas trasladei de obras e autores, com os quaes eu julgava ter aprendido verdades; mas que o censor considera “máus livros” e escriptores sem valor (que me transmittiram noções “erradas”, “absurdas” e cheias de “tolices”), mercê dos quaes, livros e autores, eu — sem estar na “altura de separar o joio do trigo” — tenho vindo a “baralhar os nossos conhecimentos geographicos”. Ainda, no mesmo “engano d'alma ledo e cêgo”, martella o censor na critica a outros topicos da pag. 13 do meu livro, attribuindo-me (que honra!) a autoria do trecho sobre a composição geologica da Cadeia do Espinhaço; quando a verdade é que, na mesmissima

pag. 194 da obra traduzida de RECLUS lá estão, da 22^a até a 30^a linhas, (e nas 24^a, 25^a, 27^a e 28^a linhas, nomeadamente), todas as informações de caracter scientifico a respeito da formação geologica da Serra do Espinhaço e sobre o facto de serem “as rochas crystallinas”, que constituem os dorsos “muito arredondados” das suas lombadas, formadas de “uma substancia granulada com grandes crystaes de *felspatho*”. E’ falsissimo” tudo isto, tropeja o censor, que chega ao remoque de suppor “brincadeira” a affirmação feita pelo eminente RECLUS, o qual baseia o texto da sua obra em informações do viajante inglez H. CHARLES DENT e muitas vezes em ESCHWEGE, LUND, CLAUSSEN, ORV. DERBY, HENRI GORCEIX, SAINT-HILAIRE, GERBER, LIAIS, BURTON, e outras autoridades pelo geographo francez frequentemente citadas, como é facilimo constatar no texto original do vol. XIX da sua *Geographie Universelle* (que se occupa do Brasil) ao tratar do aspecto physico de nosso territorio e da constituição geologica das nossas Serras. A douta Sociedade de Geographia me excusará das proporções que vae tomando a deducção desta defesa, tantos foram os pontos da formal accusação do censor, de cuja penna cae, a todo instante, sobre a minha *Chorographia de Minas o quos ego* de sentenças como estas: *tal* noção “está muito errada”; *tal* affirmação “é uma tolice”; *isto* “é uma heresia geographica”; *aquillo* “é um absurdo”; *aquillo outro* é “falsissimo”; e quejandas amabilidades atiradas a quem jámais poude aprender a discutir e argumentar por esse methodo de elegante polidez intellectual...

☆

Ora, dando de barato que, com a sua temida competencia de sabio, o censor se propuzesse refutar o que vem expendido no meu livro, o que seria logico e curial era o combate directo ás opiniões dos autores e ás fontes, que tão claramente enunciei, e nunca o desabrido tom de remoque e prevenção com que se refere pessoalmente ao organisador de um méro “trabalho de compilação” como elle repetidamente qualifica o meu desvalioso livro sobre a Terra Mineira.

E chegou, em certo lance da sua ferina critica, a duvidar até da minha probidade, como escriptor, nestes topicos, em que maldosamente escreve: “*Si é, de facto, de Reclus a affirmação*”, etc. “Este trecho *attribuido* a Reclus”...

Tem a douta Sociedade de Geographia riquissima bibliotheca, na qual certamente figuram, além de outros livros constantes da extensa Bibliographia por mim relacionada *in-fine*

do volume decimo, não só a colossal obra do sabio geographo francez (fallecido em 1905) — nomeadamente o vol. XIX da *Nouvelle Geographie Universelle* (da edição Hachette & Cia., de Paris, 1893), consagrado ao Brasil e paizes platinos; como ainda a magnifica traducção brasileira em *separata* (edição Garnier, de 1900), sob o titulo “Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia e Estatica, por Elisée Reclus” — e devida á competencia de um velho e illustre professor nosso compatriota, o Sr. BARÃO DE RAMIZ GALVÃO, que do original fez traducção fiel e cuidadosa, acompanhada de notas no texto. Nada, por conseguinte, mais facil que uma Commissão nomeada pela douta Sociedade confrontar com todas as fontes por mim citadas os pontos visados pela critica demolidora do censor, em minha *Chorographia de Minas* (vol. X editado por essa Sociedade, e que faz parte integrante da sua grande obra sobre a *Geographia do Brasil*).

Isto confundirá, de vez, ou ao meu espontaneo e não provocado accusador, ou a mim, que sou tão acremente accusado pela malquerença do censor, meu conterraneo, meu confrade e meu collega de magisterio superior, nesta Capital.

As considerações do censor não só em relação ao que escrevemos quanto ao parallelismo de direcções das Serras do Mar e Mantiqueira — embora distinctas entre si —, como ainda sobre o nosso modo de entender as cadeias de montanhas de Minas filiadas a tal ou qual systema orographico do paiz, não são tambem procedentes, nem justas, quando negam qualquer autoridade ao que diz o nosso livro. Pois, além da lição de RECLUS, cuja autoridade o censor entendeu de pôr em chéque, temos o apoio da opinião de ORVILLE DERBY, de cujas preciosas descripções geographicas, ha tempos publicadas no *Brasil geographico e historico*, fez o professor CARLOS M. DELGADO DE CARVALHO um apanhado intelligente, ás pags. 15 e 16 do seu bem elaborado trabalho: *Un Centre Économique au Brésil — L'Etat de Minas en 1908*. Vae a transcripção no proprio original francez: “*Au point de vue orographique, le plateau de Minas est pour ainsi dire le trait d'union entre les deux systèmes montagneux qui composent le relief brésilien. Deux grands systèmes couvrent en effet le Brésil. L'un est le massif central, appelé “chaine Goyana”, perce qu'il possède sa partie la plus importante dans l'État de Goyaz; l'autre est la “Serra do Mar”, qui, sous différents noms, longe la côte orientale du Brésil. Distincte de la “Serra do Mar”, mais parallèle à elle et faisant aussi partie du système oriental, se trouve la “Serra da Mantiqueira”. Cette der-*

nière chaîne, venue des États du Sud, se dirige vers l'intérieur de Minas, à la hauteur du "Rio Parahybuna" et se divise en des nombreux chaînons qui forment le relief de l'Est de Minas. Entre ces deux grands systèmes (massif central et chaînes orientales) séparés par les cours du "Rio São Francisco" et du "Rio Paraná", qui creusent des longs et profonds sillons, se tenant presque bout à bout; entre ces deux grandes "Serras" se trouvent donc des hauts plateaux mamelonnés, dont les chaînes relient entre elles. Ce dernier système comprend principalement la "Serra das Vertentes" et la "Serra da Matta da Corda". En somme, toute chaîne de Montagnes peut, dans le pays de Minas, se rattacher à l'un de ces trois systèmes.

Le plus important est celui de la "Mantiqueira", qui comprend tout le Sud et l'Est de l'État. La chaîne dite "Goyana" n'envoie que des faibles prolongements sur le territoire mineiro. Quant au troisième, il est entièrement compris dans l'État, mais ses sommets dépassent rarement 1.000 mètres d'altitude. La "Serra da Mantiqueira", partie de l'angle des trois États de São-Paulo, de Minas et de Rio, couvre de ses chaînons le bassin de "Rio Grande"; vers le Parahybuna elle s'incline vers le Nord et sépare nettement les bassins du "São Francisco" et du "Rio Paraná" de ceux des petits tributaires de l'Océan (Parahyba, Rio Doce, et Mucury). C'est alors que se détache la "Serra das Vertentes" d'un côté et de l'autre le prolongement naturel de la Mantiqueira, la "Serra do Espinhaço" qui occupe tout l'Est de Minas par ses chaînons multiples (Serra da Chibata, Serra dos Aymorés, Serra Itacambira, etc.) La "Serra das Vertentes" et la "Matta da Corda" sont réunies par des plateaux d'une altitude moyenne de 500 mètres. A ce système médian se rattachent les "Chapadões" qui constituent les principales hauteurs du Triangle Mineiro (entre le "Rio Grande" et le "Paranahyba)". Vide pags 15 e 16 do cit. opusculo.



Veamos agora o apoio de outra eminente autoridade, o velho professor Barão HOMEM DE MELLO, de saudosa memoria. Estudando o "Systema Orographico do Brasil e as Cordilheiras e Serras do Interior", escreve o *Atlas* desse pranteado geographo (edição de 1904, pag. 13) sobre a "Serra da Mantiqueira e suas ramificações" estes topicos incisivos: "Afastada para o interior, separada pelo valle do rio Parahyba, corre em distancia média de 100 kilometros da Serra do Mar, a

grande cordilheira da Mantiqueira, cuja formação geologica é coéva daquella. *As duas cordilheiras seguem a mesma direcção de Sudoeste para Nordéste, resultando dahi o parallelismo que guardam entre si, de modo que á variação da directriz de uma corresponde mais ou menos egual variação no eixo da outra*. “A partir do Morro do Lôpo, na altitude de 1.655 metros, a cordilheira prolonga-se seguidamente para Noroéste, fechando a extremidade Sudoéste do planalto mineiro”. “Mas, o eixo principal da cordilheira da Mantiqueira parte do Nordéste da cidade de São Paulo, e segue acompanhando, rio acima, a margem direita do Alto Tiété, e dahi, a margem esquerda do Parahyba, rio abaixo, sempre na direcção de Nordéste”. “Em seu prolongamento para o Norte (pag. 15, op. cit.) a Mantiqueira, penetrando no territorio de Minas Geraes, offerece um ponto elevado, em que se encontram e se entretécem as cabeceiras de tres dos maiores rios do Brasil”, etc. Seguindo sempre para o Norte do extenso planalto mineiro, “este prolongamento, que é a continuação da ossamenta da Serra da Mantiqueira, recebe, no territorio do Estado da Bahia, o nome de *Chapada Diamantina*”. Das immediações de Lençóes (na Bahia), a Cordilheira que constitúe a Chapada Diamantina, *inflecte sempre para Nordéste do paiz*, atravessando o leito do rio São Francisco, e formando systema com a Serra da Borborema (em outros Estados nortistas). D’onde se conclúe que “o systema de serras do interior, formando o seu grande nó central nos Estados de Minas e Goyaz, penetra por todo o territorio do Brasil, seguindo ou a direcção do Sul para Norte, ou de Sudoéste para o Nordéste”.

É verá ainda o censor que nem só HOMEM DE MELLO suffraga a opinião emittida pela minha *Chorographia de Minas*; e, para que disto se convença, não terá trabalho maior que o de lêr, no vol I, recém-editado, da mesma grande *Geographia do Brasil*, a esplendida *Memoria* escripta sobre a nossa Orographia pelo illustre cathedratico do Collegio Pedro II, sr. professor HONORIO SYLVESTRE, tambem filho deste Estado Central da Republica. No paragrapho II, descrevendo — O Systema Orographico Brasileiro —, nas suas duas notaveis cadeias de montanhas: a *Centro-Occidental* e a *Oriental* —, aquelle professor mostra como, no territorio do planalto onde se ha de construir a futura Capital da Republica, “está o centro de dispersão hydrographica do Brasil”, sendo digno de assignalar que “o massiço central da orographia pertinente á cadeia Centro-Occidental projecta d’ahi nada menos de tres sub-cadeias”, nestas tres projecções: 1ª, a chamada *Cadeia Goyana*; 2ª, a impropriamente denominada *Serra das Verten-*

tes; 3^a, a *Serra do Espinhaço*, assim “chrismada por Eschwege”, e que é “de extensão notavel” e “alentada envergadura”. Para o douto professor H. SYLVESTRE, o Pico de Itatiaya “é o nó ou massiço de conjugação das cadeias Centro-Occidental e Oriental, *mostrando dest’arte que a orographia do Brasil é um todo harmonico*”, cabendo “á grande lombada do Espinhaço, além da notavel funcção geographica”, a de guardar, “nos arcanos respectivos, grandes riquezas”. Essa Cadeia Centro-Occidental — “*portentosa construcção orographica sul-americana*” e que “accidentando as terras excelsas do Brasil Central”, nelle separa amplas bacias potamographicas (quaes a Franciscana, a Platina e a Amazonica) — “está conjugada á cadeia Oriental por differentes contrafortes”. “Não nos olvidemos (continúa o autor da *Memoria* cit.) que as duas Cadeias se acham ligadas por intermedio da assás famosa *Serra da Mantiqueira*”, da qual “parte gigantesco contraforte que, intromettendo-se entre as bacias dos rios Paraná e São Francisco, vae conjugar-se em terras goyanas á cadeia Centro-Occidental”; e que, “finalmente, *através das terras mineiras, bahianas, alagoanas e pernambucanas, os pontos de contacto das projecções nos são flagrantés*”, bastando uma simples inspecção da nossa Carta Geral para “mostrar exuberantemente que *as terras altas e planicies do Brasil estão numa dependencia directa e estreita dos accidentes orographicos, que se espalham pelo territorio sul-americano*”.

Portanto, quando o censor (aliás, forçando o sentido e baralhando periodos do meu livro para mais á vontade critical-os) entendeu “atrapalhada” a descripção que dei, em seus traços geraes, da Orographia de Minas — subordinada ao criterio scientifico e hoje predominante da unidade fundamental da orographia patria — elle o fez certamente por espirito de contradicção, visto que o assumpto está fóra de contröversias e não póde ser acoimado de theoria absurda ou erronea.



Criticando o que reproduzi, á pag. 12 da *Chorographia de Minas* — em que ha uma citação expressa do trabalho de RECLUS, dando os Picos de Itabira do Campo, Piedade e Itabira do Matto Dentro “como quasi unicamente compostos de um minerio ferruginoso, o *itabirito*, que contem 60% de metal puro” (como consta das linhas 26^a até 30^a da pag. 192 da obra traduzida do francez pelo Dr. RAMIZ GALVÃO) —, diz o censor que “estou muito errado” “em dar ao *itabirito* o papel de minério de ferro”; e, mais adeante, volta a martellar no ataque, a proposito da pag. 122 do meu livro, para affirmar,

peremptoriamente, que “a inclusão do *itabirito* entre os minérios de ferro é simplesmente um absurdo”.

Mas, a menos que não queira o censor passar diploma de incompetentes a tantos collegas seus, que inclúem o *itabirito* entre os nossos bons minérios de ferro, teremos de continuar a fazer fé na lição dessas autoridades. Assim, CALOGERAS nos ensina (vide II vol. do seu trabalho de 1905 — *As Minas do Brasil*, pags. 123-125) que o *oligisto* ou, quando em massas compactas, a *hematita* (sesquio-oxydo de ferro crystallizado no rhomboédro), contém, quando puro, 70% de metal; e que, embora entre nós se encontre esse mineral de ferro em individuos isolados, todavia se manifesta elle em largas occurrencias pelo nosso paiz, sob outras denominações, aliás bem justificadas pelas differenças especificas no aspecto desse composto ferrifero (por exemplo: a hematita compacta, o ferro especular, o oligisto micaceo, o granular, etc.) “Quando ligado a quartzo, sob a fórmula de camadas, constitue o bem conhecido *itabirito*, no qual se encontram *varios grãos de riqueza metallica*, desde o quartzito com listas de oligisto, até a massa compacta de oxydo fino com muito pequena, ou mesmo nulla percentagem de silica interestratificada”. “*Este é o grande e inexaurivel reservatorio siderurgico do Brasil*, capaz por si só de abastecer o mercado mundial por prazos incalculaveis de tempo, ainda que decuplicadas fossem as exigencias do consumo contemporaneo”. E “para comproval-o podemos dizer (quem está falando é o Engenheiro civil e de minas Dr. J. P. CALOGERAS, á pag. 124 do op. e vol. cit.) que este *minério* se estende desde o Sul da nossa terra até o Ceará”. Mais adiante, escreve o mesmo autor: “A espessura das camadas de *itabirito*, quer compacto, quer friavel (quando toma o nome de *jacutinga*), é difficil de ser avaliada”, aqui, no Estado de Minas, onde *sómente os depositos desse minério* que rodeiam a Serra do Caraça, foram avaliados por GORCEIX em oito bilhões de toneladas (calculo, aliás, exageradamente *baixo*, segundo affirmou o professor A. DE BOUVET); e só essa massa de *minérios de itabirito* da bacia do Caraça — “pequena fracção apenas dos depositos de Minas Geraes” poderia alimentar de ferro o mercado mundial, durante mais de seculo e meio!

Não quiz o censor ler o que escrevi, á pag. 118 do meu livro: “*O itabirito*, formado sobretudo de *oligisto* (Fe₂O₃), fórmula jazidas quasi inexgotaveis não só neste Estado de Minas”, etc.; seguindo-se nas pags. 119 e 121 da *Chorographia de Minas* outras referencias sobre os nossos minéreos de

ferro, estribadas todas em fontes claramente citadas. Eu não disse nem escrevi (como prevenidamente o accredita o censor) que a *hematita* seja um minério inferior e que não seja ella um minério exploravel, no Estado de Minas. O que está com todas as letras, á pag. 122 da minha *Chorographia*, é cousa bem diversa: “Os nossos minérios de ferro “MAIS EXPLORAVEIS” são “taes e taes;” e, na opinião de abalisado especialista, a *hematita* NÃO É, pois “o PRINCIPAL” dos nossos minérios de ferro, como geralmente se diz”. Gryphei, para melhor accentuar o trecho adulterado pelo tendencioso commentario do censor. Industrialmente, tudo aquillo é uma verdade sabida e que nenhum absurdo encerra. Absurda é a pretensão do censor em querer, dogmaticamente, taxar de erroneas tantas noções exactas que colhi em mestres de nota.

— COSTA SENA, em bella *Memoria* inserta no n° 10, de 1908, dos *Annaes* da Escola de Minas de Ouro Preto (pags. 20 e 21) inclúe *entre os minérios de ferro* do Brasil os *itabiritos*, “que constituem poderosos stratos, em relação, geralmente, com os calcareos e schistos” e “são formados de grãos de oligisto, com proporções variaveis de grãos de quartzo e um pouco de mica”. “Dir-se-hia o *itabirito* um quartzito em que o sesquioxido de ferro substitúe a silica. Muitas vezes, elles são massas de oligisto sensivelmente puras, outras, augmenta a proporção de silica. A’s vezes, são compactos, outras, são friaveis, pulverulentos, e são então vulgarmente chamados “areias de ferro”, esmeril de tinteiro ou *jacutinga*. Nas margens dos rios, até os *itabiritos* mais silicosos lavados pelas aguas das chuvas e dos rios, formam, nas praias e leitos destes, deposito de *excellente minério*, utilizado, em alguns logares, em pequenas fabricas. “Este minério pulverulento, extremamente abundante no Estado de Minas, era considerado *improprio* para altos fórnos; como, porém, já notei, o minério analogo de Mesabi é hoje bem empregado nos Estados Unidos, em altos fórnos convenientemente modificados”. Donde se póde tambem dizer que a verdade não está com o censor do meu pobre livro, quando sentenciou: “a *jacutinga*, minério pulverulento, é *improprio para fórnos altos*”.

— EUSEBIO DE OLIVEIRA, o jovem e abalisado geologo nosso compatricio, á pag. 24 do seu recentissimo trabalho (*Geologia Estratigraphica e Economica*), editado em 1922 para o Centenario Patrio, escreve: “E, porém, o sesquioxido de ferro, anhydro-hematita e *itabirito*, o PRINCIPAL MINÉRIO das mais importantes jazidas de ferro do Brasil, especialmente as do Estado de Minas Geraes”; e “estas jazidas têm sido estu-

dadas por numerosos profissionaes, destacando-se entre elles GORCEIX, COSTA SENA e GONZAGA DE CAMPOS”.



Outro dos “enganos imperdoaveis”, que diz o censor se encontram espalhados pelo meu livro, é o de ao fim da pag. 114 constatar que o *baryo* foi encontrado perto de Antonio Pereira, por ESCHWEGE, “sob a fórmula de *barytina* ou *sulphureto de baryta*”. Si o censor, porém, não estivesse tão empenhado no ameno *sport* critico de ir me arrazando os de si pouquissimos conhecimentos, que um longo tracto de 25 annos de magisterio me permittiu penosamente adquirir, eu arriscaria em lhe advertir que aquelle *sulphureto* não corre por minha conta, e foi um engano de copia ou composição, em face do original que estava certo. Abra o censor a pag. 401 do segundo vol. do meu *Annuario de Minas* (editado em 1907), e alli poderá ler no capitulo — *Riquezas mineraes do Estado* — esta referencia: — “*Baryo*: encontrado por Eschwege no logar Timbopéba, perto do arraial de Antonio Pereira (mun. de Ouro Preto), *sob a fórmula de barytina ou SULPHATO de baryta*”, etc. Uma evidente alteração typographica — si é que não o foi antes resultado de erro das copias que fiz dactylographar do meu manuscrito original — explica satisfatoriamente a transformação da palavra SULPHATO em *sulphureto*. Ao demais, não se comprehende que, em um livro de 1922, eu errasse conscientemente o que já escrevera certo, *quinze annos antes*, noutro trabalho meu editado em 1907. Mas, ao censor apraz divertir-se catando na minha *Chorographia de Minas* cochillos e *gatos* typographicos, que escaparam á revisão apresada do livro. Outro exemplo dessa bella fórmula de critica do censor está em não perdoar a innocente troca de um *t* por um inoportuno *ç* (cedilhado), na palavra “retratou”, que sahiu pelo linotypista (*) composta: “retraçou” á pagina 11, no seguinte periodo: “Pediremos á penna eximia de um sabio que foi mestre universal na sciencia geographica, isto é, a ELISÉE RECLUS (pags. 191-195 da sua obra sobre o Brasil escripta em 1893 e editada em 1900, na bem cuidada traducção de RAMIZ GALVÃO), estas pinceladas de um tóque genial com que “retratou” o quadro natural do aspecto e relêvo de um largo trecho da terra de Minas Geraes”. O sentido do periodo está mesmo indicando que a flexão verbal *retraçou* —

(*) — O vol. X de *Geographia do Brasil* foi todo composto em linotypo nas grandes officinas da Empresa Pimenta de Mello & C. — Rio.

seria alli cousa *enxertada* e absurda; ao passo que *o que eu escrevi e está no original* é: “retratou” o scenario da terra de Minas, equivalendo dizer: “pintou”, “desenhou”, “representou com exactidão” *o quadro natural do aspecto e relêvo de um largo trecho da terra de Minas Geraes.*

Entretanto, o censor faz um “cavallo de batalha” a proposito desse *gato* da composição linotypica (pelo qual eu nem dera até o momento em que o critico para o caso me chamou a atenção); e bórda em torno do conhecidissimo verbo *retracar* commentarios que devem ter um tal ou qual sabor de *paveia*, tão ao paladar de certa gente apreciadora do estafadissimo conto daquelle calumniado “asno de Buridan”... Que lhe aproveite o gosto, já que tão pouco indulgente se mostra para com o mesquinho intellecto de humildes confrades, como eu, a quem lhe appetece dar a todo custo foraes de burrice que ultrapassam a medida commum...

Já me é bastante a perfeita consciencia do meu apoucado engenho, que me não permite arrotar “fumaças de sabichão” nem fazer praça de temido especialista de *omni re scibile et quibusdam aliis*... O que sei é quasi nada, e por isso procuro aprender todos os dias alguma cousa dos verdadeiros mestres — entre os quaes se colloca o censor, — de modo que ao menos devo conhecer as regras de escrever em vernaculo, sem o vicio de dar *palha* ao mastigo do meu proximo...



Passemos á critica azeda do censor quanto ao assumpto da pag. 33, § 4º do Cap. I. O que vem ao fim da pagina 33 da minha *Chorographia de Minas* tem pelo menos o apoio da opinião de DERBY, conforme esta fonte de que me soccorri (e a mencionei na Bibliographia final do volume):

— “E’ de uma época relativamente recente que data o estudo da estructura geologica brasileira, figurando HARTT e DERBY entre os seus principaes investigadores. Na opinião do referido professor DERBY, a divisão paleontologica brasileira é assignalada nas seguintes especies:

a) Terreno *Archeano*

b) Terreno *Paleozoico* — composto das rochas do *systema siluriano, devoniano e carbonifero*”. “As consideraveis extensões de *grés*, algumas vezes confundido com o *itacolumito* do *systema huroniano*, que se observam na Serra do Espinhaço, região septentrional de Minas Geraes e central da Bahia, foram referidas pelo illustrado professor (Derby) ao SYSTEMA SILURIANO; e com alguns visos de probabilidade *refere a este mesmo systema as formações de grés, schistos argillosos e*

calcareos, *predominantes na extrema meridional da Mantiqueira*", etc. (vide pags. 19 e 20 da 3ª edição da *Chorographia do Brasil*, de R. VILLA LOBOS, Rio, 1896).

— Ao estudar a *Bacia do São Francisco*, naquelle excellente tomo I (unico até agora publicado) da sua *Geographia do Brasil*, diz o professor DELGADO DE CARVALHO (pag. 45, na edição de 1913): "O rio São Francisco nasce no massiço archeano brasileiro, mas, pouco depois, entra nas planicies elevadas compostas de estratos horizontaes, *cujas formações siluriana e cretacea* escavam, no massiço brasileiro acima mencionado, um golfo profundo com uma espessura de 300 metros, muito visivel na Carta Geologica". E acrescenta que "*essas formações acompanham, em faixas parallelas, o curso do São Francisco*"; mas, no ponto em que este muda de direcção, reaparece a formação *archeana* do massiço brasileiro, atravessada, desta vez, pelo rio", sendo a *época cretacea* evidenciada pela presença de fósseis, de peixes e de madeiras, emquanto que "*a época siluriana* tambem apresenta coraes fósseis... até ás cabeceiras do rio". Logo, é evidente que eu não inventei, como quér dizer o censor, aquella formação de terrenos do systema *Silusiano* em uma região do nosso Estado; e, si ha erro no caso, *dicant Paduani*...



— O ponto em que mais irascivel se mostrou a critica do censor ao meu despretencioso trabalho, foi o referente ao capitulo intitulado — "Os abalos sismicos ou tremores de terra constatados em Minas" (pags. 27-33).

Em primeiro logar, "quanto á intima connexão dos tremores de terra com os phenomenos vulcanicos" (pag. 28), eu não tenho autoridade scientifica para apresentar a theoria como propriamente minha; e a trasladei da obra do professor LANGLEBERT, indicando-lhe a edição da obra e a pagina, o proprio texto do ponto accusado pelo censor, que apenas quiz combater por tabella o autor francez. Em todo caso, posso lembrar ao censor que, si na recentissima *Memoria* do Engenheiro militar ALIPIO GAMA (vide "Manifestações Vulcanicas do Brasil", no fim do vol. I da magna obra editada pela Sociedade de Geographia), emite esse scientista a opinião, em these, de que — quanto a Minas Geraes — "devem ser considerados, em sua maioria, *locaes* os tremores de terra ahi occorridos, *muitos dos quaes podendo, quiçá*, como varios dos outros Estados, *ser attribuidos ainda á antiga actividade vulcanica de nosso territorio*"; todavia, é certo que, periodos adeante, elle diz: "alguns, porém (desses tremores), bem estu-

dados, *deixam duvidas sobre sua verdadeira origem*, parecendo ainda ligados talvez á antiga actividade vulcanica desta região oriental da America do Sul” (pag. 15). Aos grandes lençóis de lavas existentes, em certos pontos do territorio do Estado de Minas, bem como aos vestigios de antigos vulcões e de formações eruptivas aqui observados, faz muitas referencias a *Geologia* do sabio professor norte-americano J. CASPER BRANNER, apoiadas em estudos e observações de ORV. DERBY, de CARLOS F. HARTT, de LUIZ CRULS, scien-tista todos elles de renome mundial, e que tanto estudaram a formação da terra brasileira. Si os estudos geologicos até agora feitos, no Brasil, apenas confirmam (como o relembra o Dr. ALIPIO GAMA, pag. 21) “*que houve, de facto, em nosso paiz um periodo de actividade vulcanica anterior á epoca actual*”; ainda assim, é mistér não esquecer esta lição do pranteado professor BRANNER: “*Alguns vulcões estão sempre activos, alguns estão quietos, durante annos, e alguns parecem estar completamente extinctos. E’ difficil, senão impossivel traçar qualquer linha de distincção entre os activos e os extinctos; em parte, porque um vulcão póde ficar em repouso por muitos annos, ou mesmo por seculos, e depois começar um periodo de grande actividade*”. E’ por isto mesmo (e o censor o sabe muito bem) que não faltam exemplos de vulcões de novo em actividade, em nossos dias, *após largo periodo de absoluto repouso*; e, si do anno de 1500 para cá, a partir da descoberta do paiz, sabe-se historicamente que estão em inacção e se consideram extinctos os vulcões continentaes e insulares do territorio patrio, nada representa esse curto lapso de quatro seculos e pouco para que nos reputemos em segurança, inda mesmo admittindo o argumento historico de que — *de erupções anteriores á descoberta do Brasil pelos euro-pêos* — jámais deram aqui noticia positiva os selvicolas ou naturaes da terra. Já o sabio HUMBOLDT escrevia sobre os chamados vulcões extinctos, á pag. 479 do tomo IV do *Cosmos*: “*...il reste beaucoup d’incertitude sur l’avenir de ceux qui semblent éteints*”; de modo que os vulcões já *suppos-tos extinctos* em terras do Brasil poderão um dia se reanimar (*quod Deus avertat*). E, nesta parte, repitamos o autor patrio que vimos citando: “*Por mais antiga que seja a retirada da actividade vulcanica de uma região, em que já aquella uma vez se manifestou, jamais se poderá affirmar que tal actividade ahi não possa de novo voltar*” (pag. 43 da cit. *Memoria do Coronel Dr. ALIPIO GAMA*, publicada em 1922, no anno do Centenario da Independencia).

Em *Memoria* anterior, editada em 1910 e sob o titulo suggestivo — “Serão impossiveis as manifestações vulcanicas no Brasil?” — esse mesmo autor (que é Bacharel em mathematicas e em sciencias physicas e naturaes) abordou outras faces da questão, que interessam ao caso do territorio de Minas (*região toda central e muito afastada do littoral*). Exactamente porque é facto bem conhecido que *existem alguns vulcões activos interiores, em regiões centraes*, “que se acham a enormes distancias não só dos mares como mesmo de qualquer massa d’agua consideravel” (não só na Africa e Asia, como aqui no proprio continente americano); segue-se que, si essa *visinhança dos mares é sempre uma condição favoravel á presença ou existencia dos vulcões*, “NÃO É, PORÉM, UMA CONDIÇÃO NECESSARIA, porque do contrario *aquellas excepções*, embora poucas, *não poderiam existir*” (op. cit., pags. 146-147). Portanto, quando vem a sciencia nos esclarecer que “*os phenomenos eruptivos são inteiramente independentes das latitudes e dos climas*”; e que, “ao menos por emquanto, não está ainda bem conhecida a causa principal de taes phenomenos”, em face de tantas hypotheses suggeridas pelos mais reputados vulcanologistas (cit. *Memorie*, pags. 148-149): não nos pareceu *tolice* invocar o testemunho scientifico e historico de Reclus, Derby, Hartt, Cruls, Branner, Wappaeus, Hussack, Langlebert, Gerbert Pompeo, Xavier da Veiga, Alipio Gama, Moreira Pinto, Villa-Lobos, Pires de Almeida, Ayres do Casal (e até do proprio censor pag. 31 da nossa *Chorographia de Minas*), quando escrevemos o capitulo por elle tão malsinado, a respeito dos tremores de terra em territorio mineiro.

☆

— *Em segundo logar*, direi que, quanto á sua desabrida critica (motivada pela explicação dada entre aspas, que o censor não quiz enxergar — á pag. 32 da *Chorographia de Minas*) sobre a descripção o grande tremor de terra irradiado para Minas Geraes, na madrugada de 27 de Janeiro de 1822, eu por ella não posso nem devo ser accusado. Muito embora não passe de “homem de letras completamente desconhecedor dos rudimentos de sismologia”; “literato”, “sem conhecimentos elementares, ao menos”, de tal sciencia; “bacharel”, e por isso mesmo tendo escripto *tolices e disparates*, por “não estar bem ao par das synonymias da sismologia”, “que os proprios dictionarios se incumbem de ensinar sem ser preciso recorrer aos tratados” dessa sciencia; eu, em recambio de tão amaveis e polidos juizos do censor, pespego-lhe aqui a fiel copia das noticias, publicadas pelo organo official mineiro, e das quaes

trasladei os commentarios e observações, que se leem á pag. 32 do meu livro. “Entre os competentes especialistas” a que me referi, está um tecnico, o Sr. doutor BELFORT DE MATTOS, Director do Observatorio Astronomico da Capital Paulista, que emittiu a opinião asperamente combatida pelo censor, e apontou a causa provavel do phenomeno, classificando o abalo de “um pouco acima de médio”. Foi esse distincto astronomico brasileiro quem se referiu á existencia dos “*sismographos e barometros*” daquelle Observatorio, por meio dos quaes foi registada a componente horizontal do sismo, factos esses contestados tão indelicadamente pelo censor. Posso errar (*e errare humanum est*) na acceitação ou perfilhação de determinada theoria ou de uma opinião de outrem; faço-o, porém, com perfeita probidade de escriptor, indicando a fonte onde bebi o ensinamento, onde colhi a informação. Si os autores e obras que consulto não merecem ao censor a mesma fé e apreço, que lhes consagro, é seu direito refutal-os, discutil-os, mas respeitando o velho conselho do Bispo de Hyppona: *Interficate errores, diligite homines*. Ainda assim, no querer convencer, a ferro e fogo, que só elle está certo e os demais errados, dá mostras o censor de feroz intolerancia e mórbida presumpção. Aggredindo-me, como o fez, *sem provocação e sem motivo conhecido*, foi injusto, e não correspondeu a provas de constante apreço pessoal, que sempre lhe dei, e ás nossas relações de velha camaradagem como escriptores filhos do mesmo torrão e estudiosos quasi que dos mesmos assumptos mineiros. Edifique-se, pois, a nobre Directoria da douta Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, lendo as acrimoniosas referencias do censor e pondo depois em cotejo o que escrevi, no meu livro — sobre as causas do abalo tellurico já mencionado — com as duas noticias *in-fine*, fonte das informações de que me soccorri. Da primeira dellas (pagina 13 do n. 25 da edição de 28 de Janeiro de 1922 do *Minas Geraes*), constam quatro longos telegrammas de São Paulo, descrevendo o grande tremor de terra occorrido cerca de 4 horas da manhã do dia anterior, no territorio paulista e no Sul de Minas; e na segunda noticia, (pagina 6 do n. 26 do mesmo diario official de Bello Horizonte, edição de 29 daquelle mez e anno), vem extensa local descrevendo o referido sismo, pormenorissadamente, com os detalhes que passei para o meu livro.

— Portanto, sabia o censor que não fantasiei o que escrevi no meu livro, nos varios trechos por elle criticados; e si nas ligeiras informações geologicas por mim dadas sobre o solo mineiro, sem a menor pretensão dogmatica, existem

“heresias scientificas”, como pretende o censor, ellas correriam antes por conta dos autores em cujas obras busquei ensinamentos.

E’ de esperar-se que o censor brinde quanto antes a literatura scientifica do paiz com uma obra decisiva na materia, restabelecendo a verdade no campo da Geographia Physica; e eu — embora obscuro *bacharel* que “nada entende de taes assumptos”, consoante a sua gentil e derradeira advertencia pessoal — serei o primeiro a abeberar-me em fonte tão pura e privilegiada de conhecimentos sobre “geologia, sismologia, orographia e outros assumptos extranhos ás sciencias juridicas”.



Todavia, ao concluir esta desataviada peça de defesa, não deixarei de extranhar esta incoherencia do censor: a de perder tempo em zurzir sem dó nem piedade livro que elle proprio classifica de “compilação” muito mal feita, e do qual me consta já ter feito outra violenta apreciação critica, num quotidiano juiz-de-forense (de que não sou infelizmente assignante e por isso não a consegui ainda ler). Ora, máus livros, escriptos sem gosto, nem sciencia, o que a gente faz com elles á deixal-os á margem; e, quando o autor delles (é o meu caso, no repetido dizer do censor) é um “cerebro obscurecido” e que “nada entende do assumpto”, nenhum mal advirá dos “erros”, “absurdos”, “tolices” e “heresias” que contenham, porque já as verdades luminosas do saber e da vida terão sido propagadas, *urbi et orbe*, pela genial cerebração dos predestinados, em cuja cohorte se alista o censor, “pontifice maximo” da nossa sciencia geographica, em Minas e na Patria Maior — o Brasil.

E disse... de uma vez por todas, com o inabalavel proposito de não entreter polemicas, a que sempre fui avesso, pois jamais provoqueei debates criticos com escriptores ou com quem quer que seja.

Por conseguinte, não responderei a quaesquer novas investidas do censor. Si agora o fiz, contrariando os meus habitos de constante tolerancia para com opiniões adversas, fil-o mais por uma homenagem á douta Sociedade Geographica do Rio de Janeiro, e isto mesmo porque ella houve por bem me remetter, no dia 3 do corrente, a copia das “considerações” do censor, datadas de 27 de Fevereiro p. findo, a proposito da minha muitissimo desvaliosa contribuição para a sua meritoria obra — *Geographia do Brasil*.

Bello Horizonte, 9-4-924.

NELSON DE SENNA

Copia extrahida da edição de 28 de Janeiro de 1922 (sabbado) do *Minas Geraes*, orgam official do Governo deste Estado. (vide pag. 13 do n. 25 desse diario, naquella data).

(SECCÃO - TELEGRAMMAS)

S. PAULO

“S. Paulo, 27 — Cerca das 4 horas da madrugada de hoje, esta Capital foi abalada por um tremor de terra que durou alguns segundos, sendo ouvidos fortes estampidos, atroando os ares. Grande parte da população, sériamente alarmada, abandonou as casas, vindo para as ruas e praças. O facto causou immenso alarme, pois nunca houve semelhante phenomeno em S. Paulo.

Ouvido sobre o phenomeno o Dr. BELFORT DE MATTOS, *Director do Observatorio Astronomico*, esclareceu os motivos e disse que o abalo da terra, de accordo com o registro do Observatorio, começou precisamente ás 3 e 55, tendo sido maior em seus effeitos nas cidades de Espírito Santo do Pinhal e Caldas, por ser essa zona epicentrica. *O facto foi motivado pelo desmoronamento de terras do sub-solo, em consequencia das grandes chuvas cahidas, ultimamente; e, tanto é assim, que foram ouvidos ruidos, por occasião do phenomeno, partidos do sub-solo.*

O abalo foi um pouco acima de médio, tendo os sismographos do Observatorio e barometros registado uma componente horizontal de 8 centimetros. Quanto aos outros vestigios, o Observatorio Paulista não teve recursos para registrar, cabendo fazel-o ao do Districto Federal.

O abalo estendeu-se até á Republica do Uruguay e Argentina.”

“S. Paulo, 27 — O tremor de terra que abalou esta Capital, hoje de madrugada, foi, igualmente, sentido em Santos, Campinas, Itapétininga, Itapira, Espírito Santo do Pinhal, Lindóya, Póços de Caldas e quasi todas as cidades paulistas e do Triangulo Mineiro.

As populações, alarmadas, abandonaram as casas. Ha grandes receios de que se repita este phenomeno.

Até agora não consta ter havido desastres pessoaes ou materiaes, nesta Capital.

O Sr. Vicente Novaes Junior, contando 58 annos de idade, devido ao abalo que lhe produziu este phenomeno, teve uma syncope, vindo a fallecer momentos depois.”

— “S. Paulo, 27 — Às 2 horas e 50 minutos da tarde, o Observatorio Astronomico de S. Paulo expediu o seguinte comunicado:

“O terremoto de hoje pela madrugada é precisamente de horas 3, 54,6, quando a população da cidade foi despertada por forte vibração do solo e extranhos ruidos semelhantes ao rolar de pesadissimo aparelho. A propagação das ondulações parece ter sido approximadamente de Sul para Norte, talvez declinando um pouco para Léste. As commoções mais fortes foram em Jundiahy, Campinas, Amparo, Casa Branca, Ribeirão Preto, Lorena, Taubaté, Piracicaba, Jahú, Baurú, Santos, Guaxupé, Pouso Alegre, e muitas outras localidades.

Nesta cidade, nada occorreu de importante. Em Poços de Caldas, as fontes thermaes continúam jorrando os jactos habituaes, com a mesma temperatura. Em Santos, Iguape e outras localidades do littoral do Estado, o mar continúa inalterado.”

— “S. Paulo, 27 — São conhecidos outros detalhes do tremor de terra em S. Paulo. Em Itú, o abalo foi tremendo e demorou mais de um segundo. Em Botucatú, durou meio minuto, não havendo, apezar disto, prejuizos materiaes. Em Itapira, violento foi tambem o abalo, ficando a população alarmada. Em Tatuhy, antes do forte abalo, a população despertou assustada por um rumor subterraneo. Varias casas estremeceram, tendo o tremor durado oito segundos. Em Espírito Santo do Pinhal, a população, com o forte abalo acampou nas ruas. Em Amparo, varias casas ruiam. Continúa a falta de noticias da cidade de Caldas. No municipio de Descalvado, durou o phenomeno cinco segundos. Em Rio Claro, a população ficou alarmada, tendo ruido paredes e ficando varios muros rachados. Em Casa Branca, Monte Santo, Palmeiras e Itapetininga, o phenomeno foi tambem fortissimo. Nesta Capital, pouco ha a noticiar relativamente ao phenomeno sismico.

Em sua residencia, á rua Fortunato, morreu repentinamente uma pessoa, de susto. Na rua Anna Cintra, ruiu um telheiro. Às 2 horas da tarde, a população ficou bastante apprehensiva, devido a dizerem algumas pessoas que o braço da estatua fronteira ao Banco do Commercio e Industria, da rua Quinze de Novembro, mudára de posição”. (Telegrammas insertos no diario official do Estado de Minas, na citada edição de 28 de Janeiro de 1922).

Copia extrahida da edição de 29 de Janeiro de 1922 (de Domingo) do (*Minas Geraes*, orgam official do Governo

deste Estado (vide pag. 6 do n. 26 desse diario, naquella data).

(SECÇÃO - NOTICIARIO)

“TREMOR DE TERRA EM MINAS E EM S. PAULO

“Em nosso serviço telegraphico, noticiámos hontem haver-se registrado um phenomeno sismico, neste Estado e no Estado de S. Paulo, ficando muito alarmadas as respectivas populações.

O phenomeno registrado não é o primeiro no genero, alli. Na zona paulista e mineira, outros se têm verificado; e, em 1886, Porto Novo foi sensivel a um abalo subterraneo, como, em 1901 e ha menos de 2 annos, Bom Successo, cidade mineira, tambem tremeu. Entretanto, o de agora foi maior, conforme adeante se póde ver dos nossos informes.

Aliás, outros movimentos sismicos, menores que todos esses, é verdade, foram sentidos, ultimamente, conforme noticiámos, em Cabo Frio, no Estado do Rio, e Porto Velho, no Amazonas.

No entanto, *pelas razões do Director do Observatorio Paulista*, elles não têm relação, e cada qual, talvez até obedecendo aos mesmos motivos, teve naturalmente causa local.

Accrescentam os despachos que todo o territorio paulista soffreu, no dia 27, ás 3,55 da manhã, um abalo, ao qual certas localidades foram mais sensiveis.

Áquella hora, a Capital toda despertou com o tremor subterraneo, verificando-se em muitas residencias a quédia de quadros e relogios, das paredes. Outros objectos, principalmente os mais pesados, foram atirados ao solo.

Em Amparo, o phenomeno assumiu maiores proporções, tendo cahido casas e ficando grande numero de edificios damnificados, sabendo-se, entretanto, que os habitantes tiveram tempo de se salvarem, pois o desmoronamento de predios não foi immediato ao abalo da terra.

Em Espirito Santo do Pinhal, igualmente ruiam casas e outras têm suas paredes fendidas.

Tanto em Amparo como no Espirito Santo do Pinhal, o panico foi indescrivel.

Em Poços de Caldas, durante cinco segundos, foram sentidos os effeitos do phenomeno, havendo algumas casas experimentado maiores consequencias materiaes.

Havia em S. Paulo grande preocupação pelo que póde ter acontecido á cidade de Caldas, cujas immediações foram mais sensiveis ao movimento.

Toda a zona da *Mogyana* sentiu os abalos e mais ainda as cidades de Itapetininga, Itú, Amparo, Campinas, Mogy-Mirim, Mogy das Cruzes, Porto Feliz e toda a zona limítrope.

“O DR. BELFORT DE MATTOS, DIRECTOR DO OBSERVATORIO ASTRONOMICO DE S. PAULO, deu os seguintes esclarecimentos a respeito dos motivos desse abalo de terra e auctorizou a tranquillisar a população: “De accordo com o registro do Observatorio, o abalo começou, precisamente, ás 3 e 55, tendo sido maior em seus effeitos, nas cidades de Espírito Santo do Pinhal e Caldas, por ser essa zona epicentrica.

O facto foi motivado pelo desmoronamento de terras do sub-solo, em consequencia das grandes chuvas cahidas, ultimamente. É tanto é assim que foram ouvidos ruidos por occasião do phenomeno, partidos do sub-solo.

O abalo extendeu-se até ás Republicas do Uruguay e Argentina.”

— Os vespertinos cariocas publicaram mais os seguintes telegrammas:

“S. Paulo, 27 — O tremor de terra, a que nos referimos em telegramma anterior, e que abalou esta Capital, hoje de madrugada, foi igualmente sentido em Santos, Campinas, Itapetininga, Itapira, Espírito Santo do Pinhal, Lindóya, Póços de Caldas. Em quasi todas as cidades paulistas e do Triangulo Mineiro, as populações, alarmadas, abandonaram as casas.

Ha grandes receios de que se repita o phenomeno. Até agora não consta ter havido desastres pessoas ou materiaes.

Nesta Capital, o Sr. Vicente Novaes Junior, contando 58 annos de idade, devido ao abalo que lhe produziu o phenomeno, teve uma syncope, vindo a fallecer alguns momentos depois.”

“Poços de Caldas, 27 — Pouco antes das 4 horas da madrugada, sentiu-se aqui um tremor de terra, durando menos de dez segundos, não se verificando desastre algum.

O conhecido estabelecimento de aguas thermaes desta localidade não soffreu tambem nenhuma alteração. Tanto a temperatura como a quantidade, ou volume de aguas, conservam-se como antes do abalo sismico.”

“Amparo, 27 — Hoje perto das 4 horas da manhã, sentiu-se nesta cidade forte tremor de terra. A população despertada com o phenomeno sahiu para as ruas, amedrontada.”

“Itajubá, 27—Cerca das 4 horas da madrugada, sentiu-se aqui forte tremor de terra, calculando-se a duração do movimento em 10 segundos. Esse phenomeno acordou parte da população local.”

“Conceição do Rio Verde, 27 — Sentiu-se, aqui, violento tremor de terra, pelas 4 horas da manhã. As casas estremeceram, com todos os seus moveis, havendo por isso panico da população.”

“Juiz de Fóra, 27 — Foi sentido, aqui, pela madrugada, forte tremor de terra, que durou alguns segundos, assustando a população que o percebeu.

As casas estremeceram e houve populares que sahiram á rua, impressionados com o phenomeno.”

— “Dizem de Pouso Alegre que alli tambem foi sentido o abalo.”

Uma communição do Observatorio Nacional do Rio de Janeiro:

“Os sismographos registraram, hoje, 27, um movimento sismico, cujo fóco ou epicentro dista apenas 380 kilometros do Rio. São as seguintes as phases do phenomeno:

Primeiros tremores preliminares, 3h 2ms. 36sg.

Ondas longas, 3h 52m. 30s.

Fim, 3h 56m.00s”. (Vide *Minas Geraes*, na citada edição de 29 de Janeiro de 1924).



RELATORIO

APRESENTADO PELO SR. ALMIRANTE A. C. GOMES
PEREIRA, PRESIDENTE DA SOCIEDADE DE GEO-
GRAPHIA DO RIO DE JANEIRO, REFERENTE AO
ANNO DE 1923.

Senhores Consocios:

Cabe-me, ao dar-vos conhecimento das occurrencias, dignas de menção, da nossa vida social em 1923, agradecer-vos a releição com que me distinguistes, para presidir os destinos da SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTORIA E CONSELHO SUPERIOR

Havendo enfermado o Secretario Geral Dr. Eugenio Augusto Wandeck, foi o expediente da Secretaria, na ausencia do distincto consocio, attendido pelos Drs. Lindolpho Xavier e Raymundo Thomé Bezerra, respectivamente 1º e 2º Secretarios. No Conselho Director o Dr. Victor Viana substituiu o Dr. J. F. Gonçalves Junior, que, havendo transferido a sua residencia para o Paraná, renunciou o seu cargo.

SOCIOS

Foram admittidos como socios effectivos os Srs. Drs. Pedro Timotheo de Almeida, Mario Pinto da Fonseca, Antonio Monteiro de Sousa, Coronel Alipio Gama, Senador João de Lyra

Tavares, Francisco Pereira Lessa, Joaquim Madeira de Freitas, Alfredo Butler, John W. Goetz, Arnaldo Pinto Monteiro, Dona Esther Ferreira Vianna, Arthur Thompson Filho, Antonio Americano do Brasil, Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, João Raymundo Duarte, Honorio de Sousa Silvestre, Homero Baptista, Celso Vieira, Mario Rezende, Carlos Maria Ferreira Leite, Domingos Barbosa, José Maria Goulart de Andrade, Alberto Xavier, Pedro Calmon Moniz Bittencourt, Theophilo de Almeida, Gilberto Amado, Coryntho da Fonseca. Como correspondentes, os Drs.: Enrique Loudet, de Buenos Aires; Eusebio de Sousa, do Ceará; Raymundo Lopes e Manoel Fran Paxeco, do Maranhão; Paulo Eleoterio Alvares da Silva, do Amazonas; Tenente Amilcar Salgado dos Santos, de São Paulo e Conde Adrien van der Burch, da Belgica.

Si a SOCIEDADE se deve regosijar com a aquisição de tão numeroso e brilhante contingente, não pode, porém, deixar de lamentar a auzencia de antigos e prestimosos consocios, arrebatados pela morte. Foram elles: Dr. Joaquim de Huet Bacellar, Dr. Manoel Alvaro de Sousa Sá Vianna, Dr. José Carlos Rodrigues, Almirante Julio Cesar de Noronha, Marechal Hermes da Fonseca (presidente honorario), Dr. Antonio Rodrigues Lima, Almirante Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcellos (socio honorario e presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa); Dr. Joaquim Gonçalves de Campos Junior e Dr. Pedro Leão Velloso.

A SOCIEDADE, nas sessões que se seguiram ao fallecimento destes seus illustres membros, rendeu-lhes as devidas homenagens, inserindo nas actas votos de pesar, que foram communicados ás respectivas familias.

SESSÕES

Com a costumada regularidade realizaram-se as 10 sessões ordinarias do anno e as 2 assembléas geraes prescriptas pelo artigo 35 dos Estatutos.

GEOGRAPHIA DO CENTENARIO

Como é do vosso conhecimento, pois foram distribuidos a todos os consocios, publicaram-se o 1º e o 10º volumes da "Geographia do Brasil", edição commemorativa do centenario da Independencia. Melhor do que eu, sobre o merito da obra, dizem-no quantos a percorreram, assim como a imprensa desta capital, unanime em elogial-a. A Commissão respectiva, composta dos Drs. Antonio Olyntho, Lindolpho Xavier e Capitão Jaguaribe de Mattos, que fazem jús a todos os louvores, espera, dentro de curto prazo, poder publicar mais dois volumes.

Com esses dois volumes, que estão apenas dependendo da revisão das ultimas provas, esgotam-se os recursos fornecidos á Commissão pelo Governo Federal para esta publicação e ha materia, já recebida, para mais 6 volumes. Si os Estados attendessem aos appellos que lhes tem dirigido a Commissão, os outros volumes poderiam ser publicados sem grande demora.

REVISTA

Continuando a publicação do velho organ desta SOCIEDADE, imprimiu-se o tomo XXVIII, repleto de interessante e erudita collaboração. Com esse numero, que corresponde a 1923, está em dia a mesma publicação.

MAPPOTHECA, BIBLIOTHECA, ARCHIVO

Comquanto, por sua propria natureza, seja serviço que demande tempo e vagar, tem progredido sempre o serviço de catalogação da Mappotheca e Bibliotheca, cujas consultas, por isso, têm sido promptamente attendidas.

A SOCIEDADE tem adquirido alguns livros e mappas e cuidado da encadernação de outros. Ha muitos annos que, por falta absoluta de recursos, a nossa Bibliotheca só se enriquecia com livros e revistas que lhe eram offerecidos; agora, porém, já póde empregar parte dos seus pequenos recursos nessas aquisições tão necessarias.

São muitas as pessoas que procuram a Bibliotheca e a Mappotheca para consultas, as quaes, infelizmente, muitas vezes não são satisfeitas. E' para lamentar que as repartições publicas federaes e estaduaes, que imprimem trabalhos, relatorios e mappas não se lembrem de envial-os a esta SOCIEDADE, onde, com frequencia, são procuradas informações. A Directoria varias vezes tem solicitado dos Governos Federal e Estaduaes a remessa desses impressos.

SECRETARIA

Teve regular andamento todo o expediente deste departamento. Receberam-se 123 officios e cartas, 37 telegrammas e 30 cartões e expediram-se, no mesmo lapso de tempo, 132 officios e cartas (muitos em forma de circular), 17 telegrammas, além de convites para as sessões e assembléas geraes. Tambem o expediente da Commissão da Geographia do Centenario tem sido, nestes ultimos mezes, attendido pela Secretaria.

THESOURARIA

Como se dá todos os annos, o movimento da Thesouraria, a cargo do distincto consocio Dr. Alberto Couto Fernandes, vai exposto em balanço annexo a este relatorio.

SEDE SOCIAL

Com o encerramento da Exposição procurou a Directoria obter um predio para esta SOCIEDADE. Dirigiu um memorial ao Sr. Presidente da Republica, nesse sentido e foi incorporada ao Sr. Ministro do Interior. Estas autoridades manifestaram boa vontade. A Directoria continuará a esforçar-se para resolver este problema, que lhe parece de grande importancia.

SUBVENÇÃO

Para o anno de 1924 continúa a SOCIEDADE a gozar a subvenção de DEZ CONTOS DE RÉIS (10:000\$000), con-

cedida pelo Ministerio da Justiça e Negocios Interiores e constante da Lei de Despesa para o alludido anno.

A SOCIEDADE procurou o augmento da sua pequena subvenção. O nosso illustre consocio Sr. Senador Almirante Indio do Brasil apresentou uma emenda ao orçamento do Interior elevando-a a VINTE CONTOS DE RÉIS (20:000\$000), mas o Senado não a approvou. Parte desse accrescimo seria empregado em auxiliar a publicação da "Geographia do Centenario".

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Foi a SOCIEDADE honrada com a visita dos Srs. Conde Adrien van der Burch, commissario geral da Belgica junto á Exposição Internacional; Doutor Otto Maul, professor de Geographia da Universidade de Franckfort e Doutores Georges Carle, Arnoldi Mettler e Victor Cayla, respectivamente engenheiro chefe e membros da missão de estudos para a cultura do algodão no Brasil. Esta commissão solicitou informação sobre o valle do rio S. Francisco, tendo o nosso illustre consocio sr. Capitão Jaguaribe de Mattos gentilmente se prestado a attendel-a.

No anno de 1923 fizeram conferencias na SOCIEDADE os srs. Professor Raymundo Lopes, Major Henrique Silva, Professor Dr. Otto Maul, Professor Dr. Everardo Backeuser e Parsondas de Carvalho, que, com elevação de ideias e erudição trataram os assumptos dos seus respectivos themas.

Em resumo, aqui ficam expostas as occorrencias que julguei opportuno trazer ao vosso conhecimento. Prestarei, porém, do melhor grado, outros esclarecimentos que julgardes necessarios.

25 de Fevereiro, de 1924.

A. C. GOMES PEREIRA,

Presidente da Sociedade

2.^a Exposição Feira Internacional de Amostras

O GOVERNO DA PROVINCIA DE BUENOS AIRES
(REPUBLICA ARGENTINA) A INAUGURARA'
EM LA PLATA, EM 1.^o DE OUTUBRO DE 1924

A proposito deste importante assumpto recebemos o seguinte officio, que publicamos com prazer:

“Ministerio de Obras Publicas de la Provincia de Buenos Aires — Oficina de Publicidad.

“La Plata, Junio 26 de 1924. — Al Señor Director de la Revista de Sociedad de Geographia — Rio de Janeiro. — Tengo el agrado de dirigirme al Señor Director remitiéndole un folleto conteniendo datos de verdadero interés para los comerciantes e industriales que deseen concurrir a la 2.^a Exposición Feria Internacional de Muestras que está organizando el Gobierno de la Provincia de Buenos Aires para el mes de Octubre del corriente año. Tambien le envio un parte informativo redactado por esta oficina sobre la base de dicho folleto, el cual si fuera transcripto en el periodico de su digna dirección contribuiria muy eficazmente al mejor logro de los propósitos que persigue el Gobierno de estimular la concurrencia de industriales, comerciantes y productores de todos los paises y en modo especial de los vecinos. Con las expresiones de mi reconocimiento, saludo al Señor Director con la consideración más distinguida.

LUIZ R. PRAPROTNIN

Jefe

PUEDEN CONCURRIR TODAS LAS INDUSTRIAS

Organizada por el Gobierno de la Provincia de Buenos Aires (Republica Argentina) funcionará en la ciudad de La Plata durante todo el mes de Octubre del corriente año la 2ª EXPOSICION FERIA INTERNACIONAL DE MUESTRAS, de la cual pueden participar todas las industrias.

Para instalar este mercado el Gobierno organizador dispone de cuatro grandes locales a saber: un gran hall cubierto de 2.400 metros cuadrados de superficie, ubicado entre las calles 50, 6, 49 y 7; tres amplios pabellones cubiertos que hacen un total de 10.800 metros cuadrados situados en la calle 28 enterly 3 y 15.000 metros cuadrados de superficie al aire libre, todo lo cual hace un total de 28.200 metros cuadrados.

EL "SALON DE LA MUJER"

El gran hall de la calle 50 donde se instaló en 1923 la 1ª Feria de Muestras realizada en Sud América se habilitará para la Sección especial denominada "Salón de la Mujer" la cual ha sido dividida en diez pequeños grupos a saber: manualidades; vestuario y modas; industrias; artes (industriales y decorativas); higiene y sports; muebleria; maquinarias; objetos religiosos; libreria y articulos varios.

LOS PABELLONES

En los tres pabellones de la calle 28 y en el vasto espacio al aire libre cuyas dimensiones ya se han dado, se instalará la Feria propiamente dicha, vale decir, casi todos los grupos que consigna el programa de la misma los cuales son: instalaciones oficiales, oficinas de información nacional o extranjera, cámaras etc.; propaganda y reclame; productos agro-ganaderos; industrias alimenticias; industrias textiles; confecciones, vestuarios, modas; mineria y canteria; maquinarias, aparatos y accesorios; industrias eléctricas; metalurgia y quincalleria; construcciones y manufactura; cristaleria, por-

celana, loza y cerámica; papelería e industrias gráficas; curtidors artículos de piel; música e instrumentos en general; industria de la pesca; industrias químicas en general; fotografía y cinematografía; hidráulica; transportes; alumbrado, calefacción, fumistería y ventilación; industria de la madera; industria del caucho; joyería, platería y orfebrería; higiene, instrumentos de medicina, cirugía y sports; objetos religiosos; artes industriales y decorativas; juguetes y artículos de bazar; material escolar y pedagógico; envase de productos; radiotelegrafía y radiotelefonía; artículos varios.

A excepción de los grupos que se instalarán en el "Salón de la Mujer", y cuya nómina se ha dado mas arriba, los demás irán a estos pabellones.

TARIFA DE ARRENDAMIENTO DE ESPACIO

La tarifa de arrendamiento de espacio, más baja que la que regió en la 1ª Feria, facilitará la concurrencia de fabricantes e importadores de artículos de dimensiones y volúmenes grandes, tales como vehiculos y maquinarias en general. Esta tarifa es la siguiente: hasta 6 metros, precio por metro cuadrado \$15; de 7 a 15 metros \$14; de 16 a 25, \$13; de 26 en adelante \$10. Tratándose de instalaciones al aire libre los precios establecidos experimentarán una rebaja del 20 %.

El Gobierno cuenta con un determinado número de mesas y estanterías que alquilará al precio de \$3 por todo el tiempo que permanezca abierta la feria.

CARACTER DE ESTAS EXPOSICIONES FERIAS

Es oportuno explicar de nuevo el carácter que tienen las Exposiciones Ferias de Muestras que anualmente organiza el Gobierno de la Provincia de Buenos Aires, tanto más cuanto que la generalidad de las gentes confunden su principal finalidad.

Estas Ferias a base de muestras se diferencian fundamentalmente de las simples exhibiciones de artículos en que los concurrentes no sólo exponen sus productos sino que PUEDEN

REALIZAR TODA CLASE DE TRANSACCIONES COMERCIALES, VENDER Y COMPRAR AL POR MAYOR Y REALIZAR CONTRATOS DIRECTOS entre si conforme al reglamento interno de la Exposición en condiciones excepcionalmente favorables desde que no participen en las operaciones intermediarios.

Pero si la condición de los concurrentes vendedores es buena, no lo es menos la de los concurrentes compradores, quienes PUEDEN HACER COMPARACIONES ENTRE ARTICULOS DE UN MISMO RAMO Y CALIDAD SEMEJANTE, OBSERVAR LAS NOVEDADES PRESENTADAS POR EL PROGRESO DE LAS INDUSTRIAS Y ELEGIR LA MERCADERIA FAVORITA EN POCO TIEMPO Y CON GRAN ECONOMIA DE GASTOS. Estas Ferias son en definitiva VERDADEROS MERCADOS INDUSTRIALES DONDE PUEDE VENDERSE Y COMPRARSE DIRECTAMENTE A BASE DE MUESTRARIOS, DE MODELOS, DE FACSIMILES, DIBUJOS, ETC.

QUIENES PUEDEN CONCURRIR A LA 2ª FERIA

De la 2ª EXPOSICION FERIA INTERNACIONAL DE MUESTRAS puede participar: todo fabricante o productor directo del pais o extranjero; representantes o agentes autorizados para vender articulos con marca determinada; exportadores autorizados para vender articulos con marca determinada. En cuanto a producción agricola serán admitidos tambien como productores directos Sindicatos, Sociedades y Cooperativas.

Los interesados pueden inscribirse desde a hora, basta el 1º de Setiembre en la Dirección de Agricultura, Ganaderia e Industrias de la Provincia de Buenos Aires, calle 50 n°553. La Plata — Republica Argentina.

EL CATALOGO OFICIAL

Una vez cerrada la inscripción, la Oficina de Publicidad del Ministerio de Obras Públicas editará el Catálogo Oficial. El Gobierno de Buenos Aires permitirá la inserción de anuncios de propaganda comercial a cuyo efecto se ha establecido una tarifa módica.

En los locales donde funcionará la Feria podrán asimismo colocarse carteles y avisos murales de propaganda. Los expositores de la 2ª Exposición Feria Internacional de Muestras que inserten anuncios de propaganda en el Catálogo Oficial tiene derecho a utilizar, sin cargo alguno, una o más páginas de texto — según sean las dimensiones del aviso contratado — para describir sus establecimientos o bien explicar el funcionamiento y características de las maquinarias y aparatos exhibidos o especificar la calidad de la mercadería que fabrican o introducen al país, etc.

FUENTES DE INFORMACION

Los señores representantes diplomáticos y consulares argentinos tendrán sumo agrado en facilitar a los interesados todas aquellas informaciones referentes a este certamen.

El folleto explicativo recientemente editado por la Oficina de Publicidad contiene un gran número de datos de mucha utilidad. Bastará solicitarlo a las Legaciones y Consulados Argentinos que lo entregan gratuitamente.



SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

Administração de 1924

DIRECTORIA

Presidente: Almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira.

1º Vice-Presidente: General Dr. José Maria Moreira Guimarães.

2º Vice-Presidente: Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

Secretario Geral: Professor Lindolpho Xavier.

1º Secretario: Dr. Raymundo Thomé Bezerra.

2º Secretario: Dr. Carlos Augusto Guimarães Domingues.

Thesoureiro: Dr. Alberto Couto Fernandes.

Orador: Professor La-Fayette Côrtes.

CONSELHO DIRECTOR

Dr. Alvaro Bittencourt Berfond, Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, Almirante Antonio Nogueira, Arthur de Sousa Barbosa, Dr. Celso Vieira, Dr. Daniel Henninger, Dr. Eugenio Augusto Wandeck, Edmundo Felix Tribouillet, Capitão Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, Dr. Francisco Otto Ferreira de Carvalho, Dr. Henrique Carlos de Magalhães, Dr. João Baptista de Mello e Souza, Dr. João Barbosa Rodrigues Junior, Dr. João Francisco de Lacerda Coutinho, Dr. Mario Rodrigues de Souza, Dr. Randolpho Fernandes das Chagas, Dr. Roberto Moreira da Costa Lima e Dr. Victor Viana.

COMMISSÕES PERMANENTES

GEOGRAPHIA PHYSICA — Drs. Alexandre Max Kitzinger, João O' Dwyer, Othello de Souza Reis, Gabriel Osorio de Almeida e Antonio Carlos de Arruda Beltrão. GEOGRAPHIA POLITICA — Drs. Homero Baptista, João Domingues de Oliveira, Heitor da Nobrega Beltrão, Elysio de Carvalho e Theophilo de Almeida. GEOGRAPHIA MATHEMATICA — Drs. Paulo de Frontin, Aarão Reis, Daniel Henninger, Adolpho José de Carvalho Del Vecchio e Coronel Dr. Alipio Gama. GEOGRAPHIA HISTORICA — Drs. João Ribeiro, Alexandre Sommer, Gustavo Barroso, Ezequiel Ubatuba e Senador João de Lyra Tavares. GEOGRAPHIA ECONOMICA E COMMERCIAL — Drs. José Mattoso de Sampaio Correia, Domingos Barbosa, Léon Francisco Clérot, Paulo José Pires Brandão e Sebastião Sampaio. GEOGRAPHIA MEDICA E BIOLOGIA — Drs. Joaquim Nogueira Paranaguá, João Barbosa Rodrigues Junior, Benedicto Raymundo da Silva, Marcos Baptista dos Santos, e Pharmaceutico Octavio Brandão. ESTUDOS AMERICANISTAS — Drs. Antonio Carlos Simoens da Silva, Lauro Muller, Roberto Moreira da Costa Lima, Dona Esther Ferreira Vianna e Major Henrique Silva. METEOROLOGIA E MAGNETISMO TERRESTRE — Drs. Henrique Morize, Everardo Backeuser, Mario Rodrigues de Souza, Augusto Diogo Tavares e Luiz José Le Coq de Oliveira. HYDROGRAPHIA — Drs. Alfredo Lisbôa, Mario Moura Brasil do Amaral, Manoel da Silva Couto, Augusto Bethencourt de Carvalho Menezes e José Domingos Belfort Vieira. CARTOGRAPHIA — Drs. Antonio Olyntho dos Santos Pires, Francisco Bhering, Capitão Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, Professor Olavo Freire e Professor Julio Nogueira. REDACÇÃO — Dr. Eugenio Augusto Wandek, Professor Lindolpho Xavier, Drs. Fernando Antonio Raja Gabaglia, Mario Da Veiga Cabral e João Ribeiro Mendes. CONTAS — Drs. Raymundo Thomé Bezerra, Augusto Carlos Moreira Guimarães, Manoel Buarque de Macedo, Taciano Accioli Monteiro e Alexandre Lamberti de Souza Guimarães.

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

Cadastro social

1924

VICE-PRESIDENTES HONORARIOS

Bernardino Machado, Dr.

Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.

José Joaquim Seabra, Dr.

Manuel de Oliveira Lima, Dr.

Luiz Amadeu de Saboya Aosta, Principe, Duque dos Abruzzos.

SOCIOS-HONORARIOS

Adelmar Delcoigne, Dr.

Affonso Alves de Camargo, Dr.

Alberto dos Santos Dumont, Dr.

Antonio Ferraz Moniz de Aragão, Dr.

Carlos R. Tovar, Dr.

Edwin V. Morgan, Dr.

Ernest Henry

Ernest Von Hesse Wartegg, Barão de Wartegg

Francisco Herboso, Dr.

Frederico Susviela Guarch, Dr.

Felippe Schmidt, General, Dr.

Gago Coutinho, Almirante
 José Caetano Lobo d'Avila Lima, Dr.
 Juan Luis de Sanfuentes, Dr.
 Julio Fernandez, Dr.
 Lucas Ayrragaray, Dr.
 Manuel B. Otero, Dr.
 Manuel Bernardez, Dr.
 Norberto Quirno Costa, Dr.
 Ramon de Lara Castro, Dr.
 Raphael Errazuriz, Dr.
 Rodolpho Bernardelli, Professor
 Saccadura Cabral, Commandante
 Victorino de Paula Ramos, Dr.

SOCIOS BENE-MERITOS

Antonio Carlos Simoens da Silva, Dr.
 Augusto Olympio Viveiros de Castro, Ministro, Dr.
 Conde de Leopoldina
 Escola Barão do Rio Doce
 Innocencio Serzedello Correia, General, Dr.
 João Teixeira Soares, Dr.
 José Arthur Boiteux, Dr.
 José Carlos de Carvalho, Almirante
 José Maria Moreira Guimarães, General, Dr.
 Pedro de Toledo, Dr.

SOCIOS REMIDOS

Aarão Reis, Dr.
 Alberto Couto Fernandes, Dr.
 Alberto Domingues Moreira
 Alberto da Silva Nazareth
 Alberto Vieira Braga, Dr.
 Alexandre Affonso de Carvalho Filho — *Fundador*
 Alfredo Conrado de Niemeyer, Dr.
 Alfredo Ferreira

Alfredo Lisbôa, Dr.
Alfredo Regulo de Valdetaro
Alvaro Ribeiro de Almeida Luz, Dr.
Amarilio Olinda de Vasconcellos, Dr.
Amaro José de Oliveira, Dr. — *Fundador*
André Gustavo Paulo de Frontin, Conde, Dr. — *Fundador*
Antonio Carlos de Souza Dantas, Dr.
Antonio Coutinho Gomes Pereira, Almirante
Antonio Francisco de Azeredo, Dr.
Antonio Marques de Oliveira, Monsenhor — *Fundador*
Antonio de Padua Assis Rezende, Dr.
Argemiro Antonio da Silveira, Dr.
Armenio de Figueiredo, Dr. — *Fundador*
Arthur de Alencar Araripe, Dr.
Arthur Leandro de Araujo Costa, Dr.
Augusto Cesar de Padua Fleury, Dr.
Augusto da Silva Coelho, Dr.
Augusto Tavares de Lyra, Dr.
Barão de Teffé, *Fundador* — medalha de merito
Brestelão Manuel de Castro Jr., Dr.
Candido Mendes de Almeida, Dr.
Carlos Cesar Oliveira Sampaio, Dr. — *Fundador*
Carlos Frederico Marques Perdigão, Dr.
Carlos Frederico de Noronha, Almirante
Carlos Maximiliano Pimenta de Laet, Conde, Dr. — *Fundador*.
Carolino de Leoni Ramos, Ministro, Dr.
Clodoaldo de Freitas, Dr.
Conde de Affonso Celso, Dr. — *Fundador*
Conde de Barral, *Fundador*
Conde Modesto Leal
Conde de Paranaguá
Custodio Martins, Dr.
Daniel Henninger, Dr.
Domingos Reis Cordeiro Junior
Domingos Silverio Bittencourt
Domingos Soares de Paiva, Coronel

Edmundo Felix Tribouillet
Eduardo M. Backus
Emilio Mesquita, Dr.
Eugenio Honold, Dr.
Eurico de Lemos, Dr.
Francisco Alves Barroso
Francisco Pereira de Almeida, Dr.
Francisco Ferreira Braga, Dr.
Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, Capitão
Francisco M. Cordeiro de Souza, Dr. — *Fundador*
Francisco Marcellino de Souza Aguiar, Marechal
Francisco Canella
Francisco de Paula e Silva, Dr.
Frederico Corrêa da Camara, Almirante
Germano Barros, Dr. — *Fundador*
Gustavo Santiago
Henrique B. Moreno, Dr.
Henrique Reis
Hernani Motta Mendes, Dr.
Homero Baptista, Dr.
Humberto Saraiva Antunes, Dr.
Ignacio M. Gouvêa, Dr. — *Fundador*
Jeronymo Roberto de Mesquita
João Albino da Cruz, Dr. — *Fundador*
João de Andrade
João de Carvalho Soares Brandão, Dr.
João Leopoldo Augusto Leal, Tenente-coronel
João Raymundo Duarte, Dr.
João dos Reis Souza Dantas Filho, Dr.
João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Conselheiro
Joaquim de Albuquerque Serejo, Almirante
Joaquim Catramby, Dr.
Joaquim Nogueira Paranaguá, Dr.
José Antonio da Costa Rocha, Commendador
José Botelho de Araujo Carvalho
José Correia Bittencourt, Dr.
José Gabriel de Azevedo

José Manuel da Silva, Dr.
 José Manuel Alves da Silva — *Fundador*
 José Rodrigues Peixoto, Dr.
 José Valentim Dunham, Dr.
 José Victorino de Albuquerque, Dr.
 José Mawson, Commendador
 Julio Benedicto Ottoni, Dr.
 Lauro Severiano Muller, General, Dr.
 Leopoldo Teixeira Leite, Dr.
 Louis S. Curt
 Luiz Felipe de Souza Leão Filho, Dr.
 Malachias Tookey
 Manuel Buarque de Macedo, Dr.
 Manuel Peixoto de Lacerda Werneck, Dr.
 Manuel Pedro Monteiro Tapajoz, Dr.
 Manuel da Silva Pereira, Dr.
 Max Fleiuss, Dr.
 Miguel Calmon du Pin e Almeida, Dr.
 Millard Parker Fisdell, Coronel
 Porphiro Alves de Andrade Ramos, Commendador
 Raul Alvaro da Costa, Dr.
 Raul Paranhos do Rio Branco, Dr.
 Raymundo José Vieira da Silva, Dr.
 Raymundo de Souza Raposo, Dr.
 Raymundo Thomé Bezerra, Dr.
 Ricardo da Silveira Gusmão, Dr. — *Fundador*
 Rodolpho Caleagno
 R. W. Mardock
 Taciano Accioli Monteiro, Dr.
 Themistocles Augusto de Figueiredo
 Themistocles Nogueira Savio
 Theophilo Rodrigues da Cunha, Dr.
 Vicente José de Carvalho Filho, Dr.
 Vicente de Vicq

SOCIOS EFFECTIVOS

Adolpho José de Carvalho Del Vecchio, Dr.
 Alberto Emmanuel Ildefonso da Silva, Dr.

- Alberto Xavier, Dr.
Alexandre Brigole, Dr.
Alexandre Emilio Sommier, Dr.
Alexandre Lamberti de Souza Guimarães
Alexandre Max Kitzinger, Dr.
Alfredo de Almeida Russell, Dr.
Alfredo José Butler
Alipio Gama, Coronel, Dr.
Aloysio Neiva, Dr.
Alvaro Bittencourt Berford, Dr.
Amphiloquio Marques da Silva, Dr.
Antonio Americano do Brasil, Dr.
Antonio Carlos de Arruda Beltrão, Dr.
Antonio Figueira de Almeida, Dr.
Antonio José Alves Jr., Major
Antonio Monteiro de Souza, Dr.
Antonio Nogueira, Almirante
Antonio Olyntho dos Santos Pires, Dr.
Arnaldo Pinto Monteiro
Arthur Thompson Filho, Dr.
Arthur de Souza Barbosa
Augusto Bethencourt de Carvalho Menezes, Dr.
Augusto Carlos Moreira Guimarães, Dr.
Augusto Dias Carneiro
Augusto Diogo Tavares, Dr.
Benedicto Raymundo da Silva, Dr.
Carlos Augusto Guimarães Domingues, Dr.
Carlos E. J. C. Baerlein
Carlos Maria Ferreira Leite
Carlos Miguel Delgado de Carvalho, Dr.
Castorino de Oliveira Guimarães, Dr.
Celso Bayma, Dr.
Celso Vieira, Dr.
Conrado Muller de Campos, Dr.
Corintho da Fonseca, Professor.
Domingos Barbosa, Dr.
Domingos Sergio de Saboya e Silva, Dr.

Elysio de Carvalho
Esther Ferreira Vianna
Eugenio Augusto Wandeck, Dr.
Everardo Bacheuser, Dr.
Ezequiel Ubatuba, Dr.
Fernando Antonio Raja-Gabaglia, Dr.
Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, Dr.
Francisco Gomes de Carvalho Jr., Dr.
Francisco José Pinto, Capitão, Dr.
Francisco Otto Ferreira de Carvalho, Dr.
Francisco Pereira Lessa, Dr.
Francolino Cameu
Frederico Villar, Capitão de fragata
Gabriel Osorio de Almeida, Dr.
Gastão Ruch Sturzeneker, Dr.
Gustavo Dodds Barroso, Dr.
Heitor da Nobrega Beltrão, Dr.
Heitor Eloy Alvim, Dr.
Henrique Carlos de Magalhães, Dr.
Henrique Eduardo Couto Fernandes, Dr.
Henrique Morize, Dr.
Henrique Silva, Major
Jonathas Serrano, Dr.
João Baptista de Mello e Souza, Dr.
João Barbosa Rodrigues Jr., Dr.
João C. da Rocha Cabral, Dr.
João Coelho Gomes Ribeiro, Dr.
João Domingues de Oliveira, Dr.
João Francisco de Lacerda Coutinho, Dr.
João Lyra Tavares
João de Moraes e Mattos, Dr.
João O'Dwyer, Dr.
João Ribeiro, Dr.
João Ribeiro Mendes
Joaquim da Costa Ramalho Ortigão
Joaquim Francisco Gonçalves Junior, Dr.
Joaquim Luiz Osorio, Dr.

John W. Goetz, Dr.
José Augusto Bezerra de Medeiros, Dr.
José Domingues Belfort Vieira, Dr.
José Felix Alves Pacheco
José Ferreira Ramos, General
José Madeira de Freitas, Dr.
José Maria Goulart de Andrade, Dr.
José Matoso Maia Forte
José Mattoso Sampaio Corrêa, Dr.
José Pereira da Graça Couto, Dr.
José Siqueira de Menezes, Marechal, Dr.
Juilo Nogueira, Professor
La-Fayette Côrtes, Professor
Laudelino de Oliveira Freire, Dr.
Laureano Laurentino Trinas, Coronel
Leandro Alfredo Ribeiro da Costa, Dr.
Léon Francisco Clérot, Dr.
Lindolfo Octavio Xavier, Professor
Luiz Goffredo de Escragnolle Taunay, Dr.
Luiz José Le Coq de Oliveira, Dr.
Luiz Sombra, Coronel, Dr.
Luiz van Erven, Dr.
Manoel Cicero Peregrino da Silva, Dr.
Manoel da Silva Couto, Dr.
Marciano de Aguiar Moreira, Dr.
Marcos Baptista dos Santos, Dr.
Mario Moura Brasil do Amaral, Dr.
Mario Pinto de Siqueira, Dr.
Mario Rezende, Dr.
Mario Rodrigues de Souza, Dr.
Mario da Veiga Cabral, Dr.
Mauro Montagna, Professor
Miguel Salazar Mendes de Moraes, Capitão, Dr.
Nestor Massena
Octavio Brandão, Pharmaceutico
Olavo Freire, Professor
Othello de Souza Reis, Dr.

Paulo José Pires Brandão, Dr.
 Pedro Alvares Coutinho
 Pedro Calmon Moniz Bittencourt, Dr.
 Raul Paranhos Pederneiras, Dr.
 Richard Momsen, Dr.
 Roberto Moreira da Costa Lima, Dr.
 Randolpho Fernandes das Chagas, Dr.
 Sebastião Sampaio
 Theophilo de Almeida, Dr.
 Thiers Fleming, Capitão de mar e guerra, Dr.
 Urbano Coelho de Gouvêa, Marechal, Dr.
 Victor Viana, Dr.

SOCIOS CORRESPONDENTES

A. Forest
 A. Guiton, Havre
 A. J Wauters, Bruxellas
 A. Launay, Dr. Havre
 A. Wauters, Bruxellas
 Adalberto Christo Lassance Cunha
 Adalberto Maraquini, Dr.
 Adela Breton, Dona
 Adolpho Lindenberg, Dr. S. Paulo
 Adrien Van Der Burck, Conde, Belgica
 Adrano Chaigneau, Chile
 Affonso A. de Freitas, S. Paulo
 Affonso Costa, Dr., Portugal
 Affonso Lustosa, Dr., Ceará, Sobral
 Agnelo Bittencourt, Amazonas, Manáos
 Agostinho Viollier, Valparaizo
 Agustin Usima, Cuba
 Alberto Halle, Indianopolis
 Alberto Moreira, Amazonas, Manáos
 Albino Forjaz de Sampaio, Portugal
 Alexandre Borges dos Reis, Professor, Bahia
 Alexandre Gancedo, Dr.
 Alexandre Vasillier, Dr.

- Alexandrino Mochi, Dr.
Alfonso Toro, Dr., Mexico
Alfredo de Barros Moreira, Dr.
Alfredo Nogueira, Soledade
Alois Kersha, Russia
Alvaro Astolpho da Silveira, Dr., Bello Horizonte
Alvaro Fernandes, Dr.
Amilcar Salgado dos Santos, 1º Tenente, S. Paulo
Annibal Maúrtua, Dr., Petropolis
Annibal Revault Figueiredo
Anselmo de la Cruz
Antonino Neves, Calcutá
Antonino Freire da Silva, Dr.
Antonio Augusto de Lima, Dr., Bello Horizonte
Antonio Augusto de Vasconcellos, Dr., Fortaleza
Antonio Cabrera, Dr.
Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Coronel, Manáos
Antonio Ferreira, Valparaizo
Antonio Ferreira de Britto, Tres Pontas
Antonio Ferreira Serpa
Antonio Firmo Dias Cardoso, Dr.
Antonio Leite Chermont, Dr., Pará
Antonio Ludgero de Souza Castro, Coronel, S. Paulo
Antonio Malan, padre, Cuiabá
Antonio Manero, Dr.
Antonio Marinez Rufino, Dr., D. Buenos Aires
Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Dr., Minas
Antonio Rodrigues Pereira Labre, Coronel, Labrea
Antonio Saboya de Sá Leitão, Dr., Piauhy
Arlindo Coelho Fragoso, Dr., Bahia
Arminio Ribeiro da Fonseca, Manáos
Arthur Assis de Oliveira Borges, Dr., S. Paulo
Arthur Lemos, Dr., Pará
Arthur Moreriara de Carvalho, Dr.
Arthur Ramos da Silva Junior, Dr.
Arthur Posnanzky, Commandante
Athayde Marcondes, Pindamonhangaba, São Paulo
Augusto de Borborema, Desembargador, Pará

Augusto de Carvalho
Augusto Franzoi
Augusto Carlos Vasconcellos Monteiro, Dr.
Augusto Mariz Sarmiento Brandão, Lisbôa
Augusto Olavo Rodrigues Ferreira, Dr., Manáos
Augusto Olympio, Dr., Pará
Augusto Planc, Dr.
Augusto Porto Alegre
Augustin Vedia, Dr.
Ataliba Lepage, Dr.
Aureliano Oyarzun, Dr.
Avelino Mendes Chaves
B. Ambrosetti
Bartolomé Galiano
Belisario Parras, Dr., Panamá
Beltran Rozpidu
Ben. W. Austin, Estados Unidos
Bernardino José de Souza, Dr., Bahia
Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, Manáos
C. L. Gaffrée, Dr., Santa Catharina
Candido Costa, Commandante
Candido Soares Pinho, Dr.
Candido Torres Guimarães
Carlos Cyrillo Junior, Dr., São Paulo
Carlos José da Costa Pimentel Junior, Dr., Guarany
Carlos Magalhães de Azevedo, Dr., Roma
Carlos de Mello, Lisbôa
Carlos Moreira de Abreu
Carlos Rey de Castro, Dr., Manáos
Carlos Romero
Carlos Zatapa, Loreto, Perú
Charles Eloy, Dr., Paris
Charles Sentroul, Monsenhor, Dr.
Chas Sewart Sevindells, Estados Unidos
Cincinato Cesar da Silva Braga, Dr., São Paulo
Claudio José Gonçalves Ponce de Léon, Bispo, Goyaz
Conde Ermano Stradelli
Conrado Alvaro de Campos Penafiel, Dr., Porto Alegre

Corliano Medeiros, Professor, Parahyba
Cyro de Azevedo, Dr.
Daniel Machado, Dr., São Paulo
Dario Freire da Silva, Dr.
Dario Velloso
Diogo Rodrigues de Moraes, Dr., São Paulo
Domiciano Herculano Perdigão Cardoso, Conego, Pará
Domicio da Gama, Dr.
Domingos José de Andrade, Coronel, Manáos
Domingos Virgilio do Nascimento
Dormevil José dos Santos Malhado, Cuyabá
Duarte Leopoldo e Silva, D., Arcebispo de S. Paulo.
E. Dupont, Havre
E. Guilbert de Bleymont, Dr.
Eduardo Villela, Dr., Paris
Edmundo Krug, Dr., São Paulo
Eduardo Duarte da Silva, D., Bispo de Uberaba
Eduardo Poirier, Dr.
Eduardo Seler
Elisa America Gouvêa, Dona
Henrique Carillo, Dr.
Henrique Loudet, Dr., Buenos Aires
Henrique Solano Lopes
Estevam de Araujo Almeida, Dr., São Paulo
Estevam de Mendonça Leite, Dr.
Eugene Fontaine, Havre
Eugenio de Azevedo Feio, Dr., Lafayette
Eugenio Dahne, Dr.
Euzebio de Souza, Dr., Ceará
Ezequiel Franco de Sá, Dr., Pernambuco
Eustachio Garção Stockler, Dr., Campanha, Minas
F. A. Berra, Dr., Montevideo
F. Gruber, Dr., Vienna
Felix Bocayuva, Dr.
Fernando A. Georgette, Antuerpia
Fernando Machado Vieira
Fernando Ortiz y Fernandez, Dr.
Fernandez Saldanha, Dr.

Fidelis Reis, Dr., Bello Horizonte
Firmino A. da Costa Pereira, Lavras
Florentino Ameghino, Dr.
Francisco Alves Vieira, Londres
Francisco Arruda Leite
Francisco Ayres Pereira da Costa, Pernambuco
Francisco Bricio da Costa, Pará
Francisco Escobar
Francisco Julio da Veiga, Dr., Tres Pontas
Francisco de Macedo Costa, Dr., Pará
Francisco Moraes Correia
Francisco Moreno
Francisco de Paula Araujo e Silva, Dr., Iguassú
Francisco de Paula Castro, Matto Grosso
Francisco de Paula Chaves Campello, Rio Grande
Francisco de Paula e Silva, Dr.
Francisco Segui, Buenos Aires
Francisco Xavier da Silva, Monsenhor
Francisco Yanes
Frank Vincent Junior
Franklin Adams
Franz Heger, Conselheiro
Franz Ritter von Le Mounier, Vienna
Frederico Gustavo Scheffer, Dr.
Fulgencio Simões, Pará
Gastão da Cunha, Dr.
Gentil A. de Moraes Bittencourt, Desembargador, Pará
Gentil de Assis Moura, Dr.
Gerald C. Wheeler
German de Ory, Dr., Uruguay
Gilbert Grosvenor, Dr., Montgomery
Godofredo de Oliveira
Gonçalo Paes de Azevedo Faro
Guilherme Petersen, Licenciado, Cuba
Guilherme Studart, (Barão de Studart), Ceará
Guilherme von den Steinen, Dr., Berlim
Gusman Blanco, D. Venezuela
Gustavo Lebon Regis, Dr., Florianopolis

Guy Haindricks, Dr.

G. H. Shaw

H. Wauwermans, Coronel, Antuerpia

Harriet Chalmers Adams

Helio Lobo, Dr.

Henri Lorin

Henri Savage Landor

Henrique Americo de Santa Rosa, Dr., Pará

Henrique Castriciano de Souza, Dr., Natal, R. G. N.

Henrique Lisbôa, Dr.

Henrique da Silva Fontes, Dr.

Herber H. Smith, Dr.

Hermenegildo Braz do Amaral, Dr., Bahia

Honorio de Lima, Coronel

Ignacio Baptista de Moura, Dr., Belém do Pará

Ildefonso Albano, Ceará

"Istituto Geographico de Agostini", Roma

J. Du Fielf, Bruxellas

J. Gebelin, Bordeaux

J. Genard, Antuerpia

J. I. Schuler

J. Langlois, Antuerpia

Jacques Henri, Havre

James W. Wells, Dr., Londres

Jayme Reis, Dr.

Jayme Segulier, Paris

Jean Charcot, Dr., Paris

Jeanne Catule Mendés, Paris

João Antonio Rodrigues Martins, com. Genova

João Baptista de Faria e Souza, Amazonas

João Baptista de Regueira Costa, Dr.

João Barcellos

João Becker, Dom bispo

João Candido de Almeida Nobre, Dr.

João de Cerqueira Mendes, Dr, São Paulo

João Feliciano da Motta e Albuquerque, Dr., Pernambuco

João Ferreira de Andrade Muniz, Conego, Pará

João Francisco Vellarde, Dr., Bolivia

- João José Correia de Moraes, Major, Goyaz
João de Menezes Doria, Dr., Santos
João Nepomuceno Manfredo Leite, Conego, Dr., S. Paulo
João Palombini, Dr.
João Parsondas de Carvalho
João Pedro Cardoso, Dr., S. Paulo
João Thomé de Saboya e Silva, Dr., Ceará
João Vieira da Silva
Joaquim Arthur Pedreira Franco, Dr.
Joaquim Duarte Ferreira Senna, Dr.
Joaquim Francisco de Assis Brasil, Dr., Pedras Altas
Joaquim Goulart de Andrade, Prof., Maceió
Joaquim Honorio da Silva Rabello, Santarém
Joaquim Oliveira Botelho, Dr.
Joaquim de Oliveira Ferro
Joaquim Paranaguá, Dr.
Joaquim Thiago da Fonseca, S. Paulo
Joaquim Pedro de Mello, Dr., Paracatú
Joaquim Pinheiro Paranaguá, Dr., S. Paulo
Joaquim Pinto Guedes, Major, Dr., Matto Grosso
Joaquim Ribeiro, Dr., Uruguayana
John Augustus Payne, Lages, Africa
Jorge Maia
José de Andrade Pinheiro, Conego, Pará
José Antonio Pinheiro Guimarães, Dr., Pará
José Antonio da Silva Lisboa
José de Azevedo Silva, Dr., Matto Grosso
José Bach, Dr.
José Basilio Neves Gonzaga
José Botelho Reis
José Calmon Valle Nogueira da Gama, Dr.
José Clementino Soto, Coronel, Buenos Aires
José Feliciano de Oliveira, Professor, Paris
José Felix Vieira da Rosa
José Jorge da Silva Penna, Lavras
José Luiz Gomes Garriga, Dr.
José Manuel Fuentivilla
José Marques Braga, Dr., Pará

José Nicolás Mattienzo, Dr.
José Niepce da Silva, Dr., Paraná
José Nunes Belfort de Mattos, Dr., S. Paulo
José Peña, Dr., Buenos Aires
José Ribeiro do Amaral
José Reygadas Vertiz, Mexico
José Rubin de Carvalho Guimarães
José Salgado, Dr.
José Severiano de Rezende, Padre, Dr.
José Vieira Couto de Magalhães, Dr., S. Paulo
José Vieira da Rosa
José Thimotheo da Silva Bastos, Lisbôa
José Rodrigo de Carvalho
José Maria Uricochêa, Dr.
José de Vasconcellos, Dr., Mexico
Juan B. Ambrosetti, Dr.
Juan P. Criado y Dominguez, Madrid
Joseph de Mello Alvares, Goyaz
Jules Leclerc
Jules Marcon, Professor, Cambridge
Julio Vasques
Junio Soares Caiuby, Dr.
Justino Ferreira Carneiro, Dr., Juiz de Fóra
Justo Janses Ferreira, Dr., S. Luiz
Justus Perthes, Gotha
Katharina Ward Parnsley, Dona
Knita Avay
L. Delguer, Antuerpia
Lauro Baptista Bittencourt, Dr., Amazonas
Leopoldo Carvalho Ribeiro, Mariana
Leopoldo Figueirôa, Dr., Cuba
Leopoldo de Freitas, Dr., S. Paulo
Leopoldo Mabillau
Lourenço Baeta Neves, Dr., Bello Horizonte
Lucio de Freitas Amaral, Dr., Belém
Ludwig German, Capitão, Hamburgo
Luiz del Castillo y Trigueiros, Dr.
Luiz Costa, Pará

Luiz José da Costa Filho, Dr.
Luiz França Almeida e Sá, Dr., Uruguayana
Luiz Simões da Fonseca, Dr., Paris
Luiz de Souza Mattos
Lysimaco Costa, Dr., Paraná
Majolo de Caigny
Manuel B. P. Dieregues Junior
Manuel Claudino de Arroxelas Jayme Galvão, Dr
Manuel Estrada Cabrera, Dr., Guatemala
Manuel Giminez Lanier, Dr.
Manuel Ferreira dos Passos Costa Jor.
Manuel Fran Paxeco
Manuel Gondra, Dr., Paraguay
Manuel Jacintho Ferreira da Cunha
Manuel Londota Rozoles, Caracas
Manuel Maria Coronado, Dr., Cuba
Manuel Paes de Oliveira, Dr.
Manuel de Ossuna, Tenerife
Manuel Tavares Cavalcanti, Dr., Parahyba
Manuel Thomaz de Carvalho Brito, Dr., Bello Horizonte
Manuel Vicente Balivian, Dr.
Manuel de Villamil Blanco, Chile
Maria America Gouvêa Penna, Dona
Maria José Gouvêa Pinto Barbosa, Dona
Marcial Candiotti, Buenos Aires
Mario Mello, Dr., Pernambuco
Mario Mourão, Dr., S. Paulo
Matheus de Oliveeira, Professor, Parahyba
Mathias Freire, Padre
Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Dr., S. Paulo
Max Hulle
Maximiliano José Scheimann
Miguel Borges de Carvalho Castello Branco
Miguel P. Sorondo, Buenos Aires
Miguel de Pino, Hespanha
Miguel Pires, Mexico
Miguel de Teive e Argollo
Misseno Alves de Padua, Lavras

Moysés Bertoni, Dr., Paraguay
Napoleão de Oliveira, Desembargador, Pará
Nelson Baptista, Dr.
Nelson Coelho de Senna, Dr., Bello Horizonte
Octavio Gusmão Fontoura
Octavio Pires, Professor, Pará
Onesimo Leguizamon, Buenos Aires
Oscar Leal, Dr.
Oscar de Teffé, Dr.
Othon Clouss, Dr.
Paul Doumer, Paris
Paulo Eleuterio Alvares da Silva, Dr., Manáos
Paul Walle, Paris
Pedro Celso de Uchôa Cavalcante, Pernambuco
Pedro Leite Chermont, Dr.
Pedro Kramer, Dr., La Paz
Peter Goldsmith, Dr., New York
Peter Vogel, Dr., Munich
Pierre Cheladé
Pierre Magnard
Possidonio Mancio da Cunha, Commendador, Pelotas
Prosper de Pietra Santa, Dr., Paris
Quintino José de Miranda, Desembargador, Pernambuco
R. Th. von Inama Sterneg, Dr., Vienna
Ramon J. Cárcano
Ramon Laval
Rafael Maria Arizaga, Dr., Equador
Rafael Uribe y Uribe, Dr., Colombia
Raul Macedo, Dr., Coronel, Manáos
Raulino Julio Adolpho Horn, Coronel, Florianopolis
Raymundo A. Nery, Manáos
Raymundo Affonso de Carvalho, Coronel, Manáos
Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, Coronel, Pará
Raymundo Lopes, Maranhão
Reginaldo Fournier, Frei
Rioga Noda, Japão
Riotaro Hata, Japão
Roald Amundsen

Robert Schonann
Roberto Calheiros de Mello, Dr.
Roberto Jacob
Roberto Lehmann Nietch
Roberto Trompowsky Leitão de Almeida, Marechal
Rodolpho Ferreira da Cunha, Padre, Ceará
Rodolpho Jacob, Dr., Bello Horizonte
Rodolpho Linz, Dr.
Romario Martins, Paraná
Romulo E. Daron
Ruy de Gouvêa Nobre, Dr.
Sadazuchi Uchida, Dr.
Salvador Debenedetti, Dr.
Samauel A. Lafone, Dr.
Shighetaka Shiga, Dr.
Sebastião Paraná Sotto Maior, Curityba
Silverio José Nery, Dr., Manáos
Silvino Gurgel do Amaral, Dr., Chile
Silvio de Barros
Silvio Guimarães Cravo
Simmer Watts
Simon Plans Suarez, Caracas
Telasco Lobato Vereza, Dr.
Theodoro Augusto de Freitas Magalhães, Estação de Comercio.
Theodoro Sampaio, Dr., Bahia
Theophilo Domingues Alves Ribeiro, Dr., Bahia
Thomaz Guevova, Dr.
Thomaz Odorico de Macedo
Thomaz Pompeu Brasil, Dr.
Tomás Véga Toral, Dr., Equador
Tito Livio Brasil, Dr., S. Paulo
Tito V. Lisoni, Dr., Chile
Ulysses Paranhos, Dr., S. Paulo
Vicente Castro
Vicente Pires Domingues, Dr.
Vincenzo Grossi, Dr., Genova
Vidal de Oliveira Ramos, Coronel, S. Catharina

Virgilio de Bohemia Sampaio, Pará
Waldomiro de Leão, Dr.

Secretaria da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Agosto de 1924. — *Lindolpho Xavier*, secretario geral; *C. G. Bittencourt*, chefe do expediente.



BIBLIOGRAPHIA

A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO recebeu durante o anno proximo findo (1923) as seguintes publicações, cujas remessas foram, em tempo opportuno, agradecidas e retribuidas por meio da "Revista" da mesma Sociedade :

Revista Maritima Brasileira, 1923, 8 volumes.

Recenseamento do Brasil, volumes I, III, Ministerio da Agricultura.

Memoria apresentada a 5ª Conferencia Pan-Americana, em Santiago, Ministerio da Agricultura.

Recenseamento do Brasil, Custo dos Inqueritos, Ministerio da Agricultura.

Publicações da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas :

— Pelo indio e pela sua protecção official, pelo dr. Horta Barbosa, 923.

— Serviços astronomicos, pelo Cap. M. T. Costa Pinheiro, 1922.

— Exploração do rio Cantario, pelo Cap. M. T. Costa Pinheiro, 1920.

— Botanica, annexo 5, pelo dr. João Geraldo Kuhlmann, 1923.

— Contribuição para o conhecimento de uma nova especie de Lentibulariaceae, pelo dr. F. C. Hoekne, 1923.

— Phytophysionomia do Estado de Matto Grosso e ligeiras notas a respeito da commissão e distribuição da sua Flora, 1916.

- A Comissão Rondon e o Museu Nacional, pelo prof. Alipio Miranda Ribeiro, 1916.
 - Conferencias realizadas em 1910, pelo Tte. Cel. Candido Rondon.
 - Aguas thermaes de Matto Grosso, pelo dr. Ozozimbo Corrêa Neto, 1920.
 - Exploração e levantamento dos rios Anany e Machadinho, 1916.
 - Relatorio apresentado á Directoria Geral dos Telegraphos e á Divisão de Engenharia do Exercito, pelo Tte. Cel. Candido Rondon, 1907|10.
 - Historia Natural (botanica) pelos professores J. A. de Sampaio, F. C. Hoekne e Geraldo Kuhlmann, 1916, 1920, 1922.
 - Historia Natural (Zoologia), pelo prof. Alipio de Miranda Ribeiro, 1920.
- A Terra Goyana*, pelo dr. Americano do Brasil, 1922.
- A Europa Actual*, pelo dr. Mario da Veiga Cabral, 1922.
- Geographia do Maranhão*, por Fran Paxeco, 1923.
- O Pará — Matto-Grosso*, Exposição Nacional do Centenario, por Virgilio Corrêa Filho, 1922.
- Revista do Instituto Archeologico e Historico Pernambucano*, n. 115 a 118, 1922.
- Mercado de Trabalho, 3º e 4º trimestres de 1922, 1º e 2º trimestres de 1923, Departamento Estadual do Trabalho, São Paulo.
- O esperanto como lingua auxiliar internacional* (Liga das Nações) pela Brazila Ligo Esperantista, 1923.
- Sepa Brazila Kongresso de Esperanto, Rio, Revista n. 1-5.
- Relatorio da Comissão do Patrimonio, 1822-1922, Ministerio da Viação e Obras Publicas.
- Documentos para a Historia do Paraná, Moysés Marcondes, 1ª serie, 1923.
- Revista do Museu Paulista*, tomo XIII, commemorativo do 1º centenario da Independencia do Brasil.
- Revista da Academia Brasileira de Letras*, n. 6, de 1911; ns. 7, 8, 9, 10, de 1912; 11 e 12, de 1913; ns. 13 a 16, de 1920; n. 17 de 1921.

Movimento da população e estatística mortal, 1919, Anuario Estatístico de S. Paulo.

O Tiro de Guerra, n. 1 a 12, 1921; n. 1 a 10, de 1922; n. 1 a 7, de 1923.

Revista de Arte e Sciencia, n. 1 a 4, 1923.

Brazila Esperanto, organo official da Brazila Ligo Esperantista, n. 1 a 8, 1922.

Divisão judiciaria e administrativa e districtos eleitoraes do Estado de S. Paulo em 1922, Repartição de Estatística e Archivo de S. Paulo.

Medicamenta (revista de Therapeutica e Pharmacologia), n. 17, 1923.

Album da cidade do Rio de Janeiro, commemorativo do 1º centenario da Independencia do Brasil, 1822-1922.

Revista de Sciencias (organ da Academia Brasileira de Sciencias), 1922.

O Estado de Minas Geraes, 1923.

A Prophylaxia Rural no Estado do Pará, vol. I, 1922, Departamento Nacional da Saude Publica.

Revista do Instituto Historico e Geographico do Pará, vol. IV, 1922.

Primeiro Centenario da Independencia, Inspectoria de Portos, Rios e Canaes, Ministerio da Viação e Obras Publicas, 1822-1922.

Esboço physiographico do Ceará, Thomaz Pompeu Sobrinho, 1922.

Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano, vol. V, 1922.

Publicações do Archivo Nacional, XXI, 1923, sob a direcção do dr. João Alcides Bezerra Cavalcanti.

O Rio Amazonas e seus tributarios de origem andina, 1923, Othon Leonardos Junior.

A prophylaxia da lepra e das doenças venereas no Estado do Pará, Departamento Nacional de Saude Publica, pelo dr. H. C. de Sousa Araujo, 1922.

Anuario do Conselho Superior do Ensino, publicação sob a direcção do sr. dr. B. F. Ramiz Galvão, vol. IV, 1922.

Relatorio apresentado ao sr. dr. Miguel Calmon pelo dr. Bulhões Carvalho, 1923.

Catalogo dos mappas impressos existentes no Archivo Nacional, 1907.

A situação economica do Amazonas, (especialmente em face das pretensões americanas) conferencia do dr. Araujo Lima, Soc. Nal. de Agricultura. 1923.

Apontamentos Historicos, Geographicos e Ethnographicos do Espirito Santo, anno 1922, por Carlos Xavier Paes Barreto no 7º Congresso de Geographia.

Assistencia á Creança, dr. Americano do Brasil, 1923.

Cyatheaceas do Herbario da Secção de Botanica do Museu Nacional, lista n. 2, Catalogo Geral, anno 1923.

Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, ns. 46|47. 1923, Secretaria da Agricultura de S. Paulo.

A estrada de ferro Coroatá-Tocantins no Estado de Maranhão, M. Rodrigues Machado, 1923.

O valôr taxinomico da industria das Cyatheaceas, A. J. Sampaio, 1923.

A região amazonica do Rio Branco, senador Lopes Gonçalves, 1923.

These de concurso á cadeira de Inglês no Lyceu de Humanidades de Campos, Honorio Bahiana Velloso, 1923.

Relatorio da Cia. de Seguros Maritimos e Terrestres Previdente, 1923.

Commercio Exterior, vols. 1913, 1915 a 1918, Directoria de Estatistica Commercial, Ministerio da Fazenda.

Contribuição para o Estudo do Clima no Brasil, dr. H. Morize, 1922.

Terrenos de Marinha (Acção de reivindicacão movida pelos Estados da Bahia e Espirito Santo contra a União), razões em favor desta pelo dr. Epitacio Pessôa, 1904.

Tradições de Nictheroy, José Mattoso Maia Forte, 1919.

Relatorio do Collegio Pedro II, pelo dr. Carlos de Laet, 1923.

Breve historico do novo porto do Rio Grande do Sul, Candido Godoy, 1923.

- Relatorio do Gymnasio Pernambucano, 1923.
- Catalogos de obras classicas e livros sobre o Brasil, por J. Leite & C^a, 1923.
- Revista Sul Americana*, n. 16, 1923.
- Exposição de motivos apresentada á Camara Federal, pela Associação Nautica Brasileira, 1923.
- Os nossos serviços telegraphicos civis durante o seculo.* Da semaphora ao telephone e deste ao "Sem Fio". Pedro Linorio, 1923.
- Boletim da Sociedade Entomologica do Brasil, 1 a 3, 1922.
- Annaes da Bibliotheca Nacional, direcção do dr. Aurelio Lopes de Sousa, vol. XL, 1918.
- Revista do Instituto Archeologico e Historico Pernambucano*, 115-118, 1922.
- A Batalha do Passo do Rosario*, dr. Max Fleiuss, 1923.
- A Informação Goyana*, 1923, Rio.
- Jornal do Commercio*, Rio.
- O Paiz*, Rio.
- Jornal do Brasil*, Rio.
- A Noite*, Rio.
- O Jornal*, Rio.
- Diario Official*, Manáos.
- Inter-America*, Inter-America Press, vol. IV, VI, VII, 1920-21-23.
- Le Vie d'Italia*, do Touring Club Italiano, 1923.
- Bulletin Trimestral de la Société de Géographie et Archéologie d'Oran, tome XLII e XLIII, 1922 e 1923.
- Bolletino Della Reale Societá Geografica Italiana, ns. 1 a 12, 1922 e 1923.
- Revista de la Universidad de Cordoba*, ns. 1 a 10, 1922 e 1923.
- Centenaire de l'Independence du Brésil. Renseignements Commerciaux publiés par la section de Géographie Commerciale de la Royale Société Belge de Géographie.
- Situación de los Peruanos en Chili*, Ministerio de las Relaciones Exteriores de Chili, 1923.
- Boletin oficial de la Secretaria de Fomento y Agricultura de Chile, volumes 1 a 4, 1922.

Racial Groups and Figures in the Natural History, Dr. Walter Hough, 1922.

Major causes of land and sea oscillations, E. O. Ulrich (United States Geological Survey), 1922.

Nota sobre los supuestos descubrimientos del doctor J. G. Wolff, publicaciones de la Facultad de Filosofía y Letras, Buenos Aires, 1923.

Chicago Correspondence School of Law, catalogo 21.

Bulletin de la Société de Géographie Commerciale du Havre, 1922.

Frankfurter Vereins fur Geographie und Statisk, 1916 a 1922, dr. Otto Maul.

Catalogo official da Seccão Belga na Exposição do Rio de Janeiro, 1922-23.

Ethnos, revista dedicada al estudio y mejoría de la población indígena de Mexico, tomo I, ns. 1-2.

Memorias para la redacción de artículos de las "Vías de Italia y de la América Latina", 1923.

Annuaire de la Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux Arts, de Belgique, 1922-23.

Bulletin de la Société de Géographie de Quebec, ns. 1 a 3, 1923.

Anales de la Sociedad Científica Argentina, tomos XCIV e XCV. 1922-23.

Bulletin de la Classe des Lettres et des Sciences Morales et Politiques de la Académie Royal de Belgique, tome VIII, ns. 3, 4, 5, 6, 7, 11 e 12.

National Research Council of Japan (Japanese Journal of Geology and Geography) vols. I e II, ns. 1, 3 e 4.

Boletín de la Academia Nacional de Historia, ns. 12 e 14, 1923, Argentina.

Mycological Notes, ns. 1 e 2, vol. 7, C. G. Lloyd, 1922.

Revista del Museu de La Plata, Rep. Argentina, tomo XXVI, 1922.

Anuario Meteorológico del Chile de 1920-21.

Red Dusk and the morrow, Paul Dukes, 1922.

La población del Valle de Teotihuacan, tomo I, vol. II, 1922.

Bulletin of the Bureau of American Ethnology, John R. Swanton, 1922.

Democracy's International Law, Jackson H. Ralston, 1922.

The War with Germany. A statistical summary, 1919, Leonard P. Ayres.

A World in ferment (interpretations of the War Far), 1919, Nicholas Murray Butler.

The international mind, and argument for the Judicial settlement of international disputes, 1919, Nicholas Murray Butler.

Bulletin de la Société Neuchateloise de Géographie, tomo XXXI, 1922.

Anuario Estadístico del Paraguay, 1917.

Annales of the associations of American Géographers, volume XII, 1922.

The Hydrographic Review, vol. I, n. I, 1923.

L'Académie Royale de Belgique depuis da fondaction, 1772-1922.

Abregé de Géologie, A de Lapparent, 1916.

Boletín de la Conciliación Internacional, n. 26, 1922.

Exportation, revista mensual publicada pelo Comité Central Industrial da Belgica, 1922.

Geografisk Tidsskrift Udgivet-Af-Bestyrelsen-For. Det Hongelige, Danske Geografiske Selskab, 27 Bind, 1923.

Arreglo de Limites entre las Republicas del Ecuador y Colombia, 1920.

Las Ruinas de Tomebamba, dr. Max Uhle, 1923.

Buletinul Societatii Regale Române de Geografie, XL, 1921.

Queensland Geographical Journal, (new series) XXXVII-L, 1920-22.

Boletín mensual del servicio meteorológico mexicano de la Secretaria de Agricultura y Fomento, Tacubaya, n. I, 1922.

Archivos de la Asociación Peruana para el Progreso de la Ciencia, anno 1922, tomo 2, fasc. I.

Publications edités par la Société des Nations, 1923.

Kartographische Relief-Gesellschaft, Munchen Ludwigs-
trasse, 1923.

Facts and evidence about the modern american law course
and service, 1923.

La Revieu des Deux Mondes. La plus celèbre des revues
françaises, 1923.

L'Universo, Italia, tomo II. 1922.

Boletin de la Secion de Libreria y Publicaciones de La
Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, serie I, 1923.

The Geographical Review, vol. XIII, n. 4, 1923.

Revista de la Universidad Nacional de Cordoba, 1923.

Brazil. A Centenary of Independence, 1922, J. C. Oaken-
full, 1922.

Influencias Mayas en el Alto Ecuador, Max Uhle, nu-
meros 10-11, 1922.

A Belgica Industrial, 1922.

Griechisches Mittelmeergebiete, 1922, dr. Otto Maul.

L'Hydraulique Agricole et Industrielle en Syrie, 1923,
G. Carle.

The Quartely, 1916.

Register and list of courses of the Oriental University,
1918-20.

La Union Panamericana International Telephone and Te-
legraph Corporation, 1923.

*Academia das Sciencias de Lisboa e o Descobrimento do
Tibet*. Francisco Maria Esteves Pereira, 1921.

One thousand Subscribers who are now successfull, Mem-
bers of bench and Bar, 1923.

Svenska Turistforeningens. Atlais over Sverige, 1923.

Geografia de America, José Boero, Buenos Aires.

Geografia de la Nación Argentina, José Boero, Bue-
nos Aires.

Geographia Commercial, Lindolpho Xavier, 1922.



PIMENTA DE MELLO & CO.
RUA SACHET 34-RIO.







ICD 2018

